

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Laíse Andressa de Abreu Jergensen

Aplausos para a enfermagem:

uma análise da representação da enfermagem na mídia durante a pandemia de covid-19

Porto Alegre
Agosto de 2024

LAÍSE ANDRESSA DE ABREU JERGENSEN

Aplausos para a enfermagem:

uma análise da representação da enfermagem na mídia durante a pandemia de covid-19

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra de Fátima Batista de Deus.

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Jergensen, Laise Andressa de Abreu
Aplausos para a enfermagem: uma análise da
representação da enfermagem na mídia durante a
pandemia de covid-19 / Laise Andressa de Abreu
Jergensen. -- 2024.
60 f.
Orientadora: Sandra Batista de Deus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. jornalismo. 2. enfermagem. 3. telejornalismo. 4.
gênero. 5. raça. I. Batista de Deus, Sandra, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Simone, técnica em enfermagem, que sempre teve o cuidado como fundamento. Por, com muita força, abrir os caminhos para que eu chegasse até aqui. Para minha tia Mari, também técnica em enfermagem, por ser fonte de inspiração para este trabalho.

Agradeço também ao meu pai, Alberi, que me apresentou ao gratificante caminho da educação. Por ter, desde sempre, me proporcionado acesso material ao conhecimento e especialmente por, nos últimos anos, ter sido apoio e afeto na minha trajetória acadêmica. E por cuidar da Capitu.

À UFRGS, minha infinita gratidão. Qualquer tentativa de colocar em palavras o meu apreço por esta instituição seria em vão. A todos os meus professores, pelas experiências em sala de aula, pelas referências nesta pesquisa e pelo papel transformador em minha vida, meu muito obrigada. Desejo que a universidade pública permaneça sempre forte.

Indo muito além dos limites das catracas da Fabico, agradeço aos meus colegas e amigos, com quem troquei muito conhecimento e amor. Maris (Marina, Mariana e Marieli), Melany, Nicole, Paulo e Luiza, muito obrigada por tornarem tudo isso mais especial.

Agradeço especialmente a Sandra de Deus, por todas as lições compartilhadas, que sempre superam o currículo de jornalismo. Por ensinar sobre a vida vivida e por me orientar neste trabalho. Meu agradecimento também às professoras Aline Strelow e Débora Gadret, pela gentileza em compor a banca de avaliação

RESUMO

Esta pesquisa visa a compreender o impacto da mídia na representação social da enfermagem durante a pandemia de covid-19, utilizando a análise de conteúdo baseada em Bardin (2016). O objeto de estudo é a série 'Aqui Dentro', do Jornal Nacional, exibida entre março e setembro de 2020. Todos os episódios que incluíram membros da equipe de enfermagem foram analisados. Ao realizar uma revisão bibliográfica para relacionar a representação da enfermagem na mídia ao longo da história com sua representação durante a pandemia, concluiu-se que o Jornal Nacional retratou os enfermeiros principalmente sob as perspectivas de sofrimento e sensibilidade. No entanto, superando o histórico de representações estereotipadas, a visibilidade e os discursos de valorização e autoridade profissional também se destacaram, beneficiando uma categoria que busca reconhecimento social.

Palavras-chave: Enfermagem; Mídia; Jornalismo; Gênero; Raça; Pandemia; Saúde.

ABSTRACT

This research aims to understand the impact of the media on the social representation of nursing during the covid-19 pandemic, utilizing content analysis based on Bardin (2016). The object of study is the series 'Aqui Dentro' produced by Jornal Nacional and broadcast between March and September 2020. All episodes that included members of the nursing team were analyzed. Through a bibliographic review that relates the representation of nursing in the media throughout history with its representation during the pandemic, it was concluded that Jornal Nacional depicted nurses mainly from the perspectives of suffering and sensitivity. However, overcoming the history of stereotypical representations, the visibility and the discourses of professional valorization and authority also stood out, benefiting a professional category seeking social recognition.

Keywords: Nursing; Media; Journalism; Gender; Race; Pandemic; Health.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Captura de E3	45
Imagem 2 - Captura de E4	46
Imagem 3 - Captura de E5	47
Imagem 4 - Captura de E8	48
Imagem 5 - Captura de J9	49
Imagem 6 - Captura de E10	50
Imagem 7 - Captura de E29	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Corpus da pesquisa	38
Tabela 2 - Características dos enfermeiros	39
Tabela 3 - Unidades de Registro do emissor JN	43
Tabela 4 - Unidades de Registro dos emissores enfermeiros.....	43
Tabela 5 - Frequências de temas do emissor JN	55
Tabela 6 - Frequências de temas dos emissores enfermeiros.....	55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Profissionais representados em ‘Aqui Dentro’	36
Gráfico 2 - Representatividade dos enfermeiros em comparação com os demais profissionais	36
Gráfico 3 - Enfermeiros por gênero em ‘Aqui Dentro’	41
Gráfico 4 - Enfermeiros por características fenotípicas em ‘Aqui Dentro’	42

LISTA DE SIGLAS

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COFEN - Conselho Federal de Enfermagem

DSLR - câmera reflex monobjetiva digital (digital single-lens reflex câmera)

EPEE - Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras

EPI - Equipamentos de Proteção Individual

JN - Jornal Nacional

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 TELEJORNALISMO E PANDEMIA	15
2.1 O telejornalismo no Brasil.....	15
2.2 O telejornalismo durante a pandemia.....	17
3 REPRESENTAÇÃO E JORNALISMO	20
4 A ENFERMAGEM NO JORNALISMO	26
4.1 Histórico da representação dos profissionais da enfermagem no jornalismo	26
4.2 A representação da enfermagem durante a pandemia de covid-19	29
5 PERCURSO METODOLÓGICO.....	33
5.1 Rede Globo.....	33
5.2 Jornal Nacional.....	33
5.3 Aqui Dentro.....	34
5.4 A Análise de Conteúdo como método.....	35
5.4.1 Exploração do material	44
5.4.2 Tratamento dos dados obtidos	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
7 REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa busca compreender o impacto da mídia na representação social da enfermagem durante o período da pandemia de covid-19. Propõe-se a verificar, em uma análise de conteúdo, quais foram as mensagens passadas sobre a categoria pela série ‘Aqui Dentro’¹, exibida em 2020 no Jornal Nacional (JN).

A enfermagem é composta por enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem, obstetrias, parteiras e outros profissionais autônomos. O 1º Relatório de Transparência Salarial, realizado pelos Ministérios do Trabalho e Emprego (MTE) e das Mulheres em março de 2024, constatou que as mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, evidenciando a desvalorização de trabalhos femininos, como é o caso da enfermagem – em 2017, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) traçou o perfil do setor², constatando que a representação feminina é de 85,1%. O gênero é marcante na construção sócio-histórica da enfermagem, tendo em vista não só a divisão sexual do trabalho, como também as relações hierárquicas com a medicina, campo de domínio masculino, apesar do avanço da presença feminina na categoria.

No que diz respeito à raça, as equipes de enfermagem são compostas por 54% de pessoas não brancas. No caso de técnicos e auxiliares de enfermagem, quase 58% são pretos, pardos ou indígenas. Tendo em vista o atravessamento desses dois fatores sociais (gênero e raça), que se ligam ao desprestígio e à desvalorização salarial da maior categoria profissional atuante no campo da saúde no Brasil, o estudo tem como objetivo analisar a representação social da enfermagem.

A problemática expressa-se no questionamento “como a série ‘Aqui Dentro’, do JN, representou a enfermagem durante a pandemia de Covid-19?”. O objetivo geral deste estudo é compreender, a partir das teorias do jornalismo e da psicologia social, o impacto da mídia jornalística televisiva na representação social da enfermagem durante o período da pandemia. Os objetivos específicos são: 1) analisar a cobertura jornalística do trabalho em enfermagem durante a pandemia de Covid-19 por meio da série de reportagens ‘Aqui Dentro’, do JN. 2) Realizar uma revisão bibliográfica, a fim de relacionar a representação da enfermagem na mídia ao longo da história com a representação durante o período pandêmico, levando em

¹ Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/playlist/aqui-dentro-profissionais-da-saude-contam-o-que-estao-vendo-fazendo-e-sentindo.ghtml#video-8546876-id>> Acesso em 20 de julho, 2024.

² Disponível em <<https://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>> Acesso em 15 de julho, 2024.

consideração o atravessamento por gênero e raça. 3) Sob a ótica da relação entre a sociologia, a psicologia social e as teorias do jornalismo, analisar a influência do telejornalismo na imagem dos enfermeiros.

Durante o período da pandemia de covid-19, aconteceram mudanças estruturais na mídia jornalística brasileira e na forma como se consumia as notícias. A TV Globo, por exemplo, fez mudanças significativas na sua grade de programação, aumentando a presença do telejornalismo, que atendia à necessidade de consumo de notícias que a emergência em saúde provocava. Eu me vi aprofundada nos noticiários com o olhar analítico que o início da faculdade de jornalismo me proporcionava. A cobertura sobre a área da saúde sob a perspectiva do trabalhador me chamou a atenção, porque me tocava de forma pessoal, já que foi um período no qual precisei restringir o contato com a minha mãe, que trabalhava no sistema público de saúde. Para além de mudanças nos critérios de seleção das notícias, foi perceptível uma maior presença de elementos como a dramaticidade, o que comoveu a população em relação à área da enfermagem, designada linha de frente na luta contra o que era chamado na época de novo coronavírus. O estudo apresentado é uma forma de analisar esse fenômeno com método e rigor científico.

As questões de gênero me atravessaram ao longo de toda a graduação e ainda me atravessam no mercado de trabalho no jornalismo, estando sempre presentes nos meus estudos e reflexões. Sob outra perspectiva, possivelmente uma das maiores contribuições da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para a minha construção como pessoa foi o aumento do meu repertório a respeito das questões raciais. Portanto, a escolha da categoria da enfermagem uniu interesses pessoais que estão em congruência com a minha vontade de, como jornalista, fomentar discussões de relevância social.

Pesquisando nos repositórios digitais das principais universidades do Rio Grande do Sul (UFRGS; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS; Universidade Federal de Santa Maria, UFSM; Universidade Federal de Pelotas, UFPEL; Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS; e Universidade Luterana do Brasil; ULBRA) e nos principais repositórios científicos do país (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, BDTD) encontrei poucos estudos sobre enfermagem e mídia. A pesquisa sobre a covid-19 no campo do jornalismo já foi inaugurada, mas poucos estudos se voltaram para a área do trabalhador e da representação social. Nas produções científicas da UFRGS encontrei um artigo que relaciona a enfermagem e o cinema e uma revisão de literatura sobre a imagem da enfermeira. Mas ao pesquisar o termo ‘jornalismo’ em combinação com o termo ‘enfermagem’ no Lume

(repositório digital da UFRGS), não se encontram referências sobre a temática, o que evidencia a necessidade de começar discussões sobre esses tópicos nas pesquisas da universidade.

De forma geral, temas que abordem questões de gênero ainda são escassos na área da comunicação. Segundo Martinez, Lago e Lago (2016), na área de pesquisa brasileira, o campo do jornalismo é um dos que mais carece de estudos com perspectiva de gênero e ressaltam o significado dos baixos números, levando em consideração a proeminência da mídia na construção das representações de gênero e sexualidade. Tratar sobre a enfermagem, dada a sua composição majoritariamente feminina, é uma forma de trazer o debate para o jornalismo. Levando em consideração a relação cada vez maior entre jornalismo e saúde e diante de um agravamento da crise climática, que tem como possibilidade o surgimento de novas pandemias, o tema se faz relevante para o jornalismo, além de ser importante para o meio acadêmico e para a comunidade como um todo.

Para alcançar os objetivos propostos, o presente estudo propõe fazer uma análise de conteúdo segundo Bardin (2016), utilizando como objeto a série de reportagens ‘Aqui Dentro’, veiculada entre maio e outubro de 2020, no JN, da Rede Globo.

Para isso, no primeiro capítulo, é apresentada uma revisão da literatura sobre telejornalismo pertinente à pesquisa. Também são apresentados alguns dos estudos realizados recentemente sobre o período pandêmico e destacados alguns dos principais enfoques da cobertura midiática da crise sanitária.

O segundo capítulo aborda a discussão sobre representação e jornalismo à luz da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e das teorias do jornalismo.

No terceiro capítulo, é explorada a enfermagem, com a realização de uma revisão da representação da profissão na mídia jornalística ao longo da história e durante a pandemia. Será tratada a relação entre o jornalismo, a visibilidade, a valorização e a construção de estereótipos dos enfermeiros.

No quarto capítulo, é detalhada a metodologia empregada no estudo empírico, apresentando a definição do corpus e a análise realizada. Por fim, no quinto e último capítulo, são expostas as conclusões do estudo e respondida a pergunta que guia esta pesquisa, destacando os principais resultados da análise de discurso.

2 TELEJORNALISMO E PANDEMIA

Este capítulo tem como objetivo explorar o telejornalismo a partir de características distintivas que definem o meio no Brasil. Dedicar-se também a olhar cuidadosamente para o período da pandemia de covid-19 como um fenômeno midiático, que deve ser analisado de forma independente na linha do tempo da televisão brasileira.

2.1 O telejornalismo no Brasil

Em meio à ascensão do jornalismo digital, os meios tradicionais continuam a ser relevantes. Em períodos de instabilidade, como as recentes cheias do Rio Grande do Sul, o rádio e a televisão desempenham um papel fundamental para o acesso à informação. Embora o webjornalismo tenha a instantaneidade como princípio e possibilite a atualização de informação constante, com agilidade sem precedentes, a desinformação, em contraponto, ganha ainda mais força em crises sociais. A população, em resposta, recorre às mídias offline, em busca de informação qualificada.

Uma palavra a respeito dos meios de comunicação de massa desde a atividade editorial até a televisão: como já se observou muitas vezes e acertadamente, essas instituições desempenham um papel-chave na orientação moderna de sentido, ou melhor, na comunicação de sentido. São intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que as outras instituições produzem em matéria de interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão (Berger; Luckmann, 2005, p. 68).

Durante a pandemia de covid-19, pôde-se observar um aumento significativo de audiência nos telejornais. A Globo, principal emissora do país, registrou recordes, conforme publicação do Grupo Globo. A credibilidade da televisão, no entanto, não está somente relacionada à referência de marcas de jornalismo consolidadas.

A televisão dá prioridade ao componente visual, de maneira a causar fascinação ao público. Ela aumenta o peso da imagem em relação ao valor da palavra. E o telespectador decodifica, mais facilmente, os códigos visuais do que os verbais. Se alguém diz que “isso apareceu na TV”, o outro aceita, passivamente, a situação como um fato real: “Se apareceu na TV, então aconteceu” (Porcello, 2006a, p. 82, *apud* Porcello, 2019).

A junção de diferentes componentes narrativos (visuais, auditivos, textuais) tornam a televisão uma linguagem complexa, com diferentes estímulos cognitivos, mas com o papel central da imagem: “mais do que o mundo das coisas contadas está em cena o mundo das

coisas vistas” (Barbosa, 2007). Também, a criação de identificação e a exploração de valores e emoções corriqueiras explicam a conexão do brasileiro com o telejornalismo.

A lógica da narrativa da televisão diz respeito primeiramente às articulações temáticas: coloca em evidência o cotidiano das maiorias, apelando às sensações do público. Do extraordinário coletivo à vida comum de existência a mais privada, tudo é re-configurado como excepcional e, ao mesmo tempo, cotidiano. A primeira proximidade se realiza, portanto, por regimes de identificação (Barbosa, 2007, p. 5).

O tom coloquial, a simulação de diálogos e a construção de personagens são componentes do espetáculo televisivo, por exigência dos telespectadores. Por esses motivos, tem tanto potencial para representar o social e construir a atualidade, enquanto mostra e acompanha as mudanças que ocorrem no mundo (Barbosa, 2007).

Mudanças tecnológicas e comportamentais têm tido como resultado maior interatividade com o público dos telejornais, possibilitando maior influência da população nos critérios de noticiabilidade. A contribuição da população cresce de forma tímida, mas aos poucos torna os telejornais um canal para o exercício da cidadania, por meio da participação dos indivíduos na produção de conteúdo.

A abertura de formatos como a interação rompe, de maneira discreta, o aspecto monológico da televisão, em um fluxo predominantemente de sentido único, para um que abre oportunidades ao público de colaborar diretamente para a construção dos telejornais, seja na participação por meio de interações mediadas como o WhatsApp ou por meio do envio de imagens, que são utilizadas na cobertura de reportagens. Trata-se, ainda, de discreta abertura. Forçada pela necessidade de aproximação com a audiência, que dispõe de novos meios e formas de consumo audiovisual (Vieira, Amaral, Morais, 2023, p. 113).

Em análise sobre a presença das redes sociais na construção da notícia no telejornalismo brasileiro, Santos (2018) discute a emergência de um novo valor-notícia, baseado nos cibercontecimentos (neste caso, sem que haja sugestão direta de pauta por parte da audiência). A rede social como critério de seleção é, além do mais, uma forma de produzir engajamento.

O que o telejornalista busca, ao selecionar um cibercontecimento e recondiçaná-lo em uma reportagem, é o engajamento com a sua audiência, amplificando o laço social e a relevância do seu canal, do seu programa e da sua profissão, para reverberar novamente na rede social com a circulação do conteúdo produzido (Santos, 2018, p. 145).

No que diz respeito às reportagens em televisão, no conteúdo em aprofundamento o jornalismo tem o papel de construção da identidade de um povo, conforme Coutinho e Musse (2010) “os telejornais apresentam e representam a realidade aos brasileiros e contribuem para a construção de sua própria identidade”. Os autores tratam do papel das séries de reportagens no JN:

No caso do Jornal Nacional, para além das matérias factuais e dos textos dos apresentadores/editores, as séries de reportagem celebram esse encontro com uma comunidade nacional, com a Identidade Brasil (Coutinho, Musse, 2010, p. 4).

Segundo os autores, talvez pela conexão do telejornalismo ao drama e à dramaturgia é que ele tenha ocupado “um papel central como fonte de informação e de identificação na sociedade contemporânea”.

2.2 O telejornalismo durante a pandemia

Antes de adentrar as características da televisão durante a pandemia, é necessário analisar o jornalismo neste período. Benetti (2021) elenca cinco principais eixos da pandemia que a tornaram uma cobertura tão difícil: 1) a morte, por lidar com o trágico, o dramático, o sensacional; e por lembrar a cada um sobre a própria mortalidade. 2) O desconhecido, ou seja, a falta de respostas da ciência, o que teve como consequência algo que a autora denomina “verdade processual”, que foi sendo descoberta aos poucos. 3) A presença de muitos campos do jornalismo dentro de uma mesma cobertura. Diversas editorias são relevantes e trazem a necessidade de aprofundamento em todas as áreas, aumentando o nível de complexidade do processo jornalístico. 4) A falta de dados confiáveis pela subnotificação. 5) As condições concretas de trabalho dos jornalistas (equipes reduzidas, excesso de trabalho, riscos de demissão e a violência da população em relação aos profissionais).

Entre outras características apontadas por Benetti (2021) está a disponibilização da notícia, com a derrubada de paywall em diferentes portais de notícias e com a publicação de conteúdos abertos no streaming GloboPlay, por exemplo. Também, ainda segundo a autora, o tom das notícias passa a ser mais didático, performativo e percebe-se a presença marcante do jornalismo de serviço: “num cenário de tanta desinformação, o jornalismo de serviço pode ser a porta de contato com pessoas que normalmente estariam muito refratárias à informação jornalística” (Benetti, 2021).

Ainda, pelo caráter impreciso das informações sobre a doença na época, a cobertura foi muito baseada em declarações de autoridades. No caso de autoridades oficiais, houve, por diversas vezes, a falta de contestação ou contraponto de fonte especializada – principalmente no que diz respeito a autoridades políticas desalinhadas com o pensamento científico. Em meio ao chamado jornalismo declaratório, foi colocado em questão o princípio da objetividade, tão caro à profissão.

Mesmo que o jornalista não seja responsável pelo caráter do que as autoridades declaram, os veículos jornalísticos selecionam, ao mesmo tempo em que “autorizam”, tudo aquilo que consideram de interesse jornalístico e, por isso, tornam público. Ser objetivo, dessa forma, seria manter a realidade primária como meta, como utopia que precisa ser incessantemente perseguida. No esforço de aproximação dos fenômenos, independentemente de interpretação, seria incontornável a apresentação e o confronto de visões, de outras subjetividades, sobre a mesma ocorrência (Henriques, 2020, p. 13).

É importante apontar a criação do Consórcio de Veículos de Imprensa, em junho de 2020, como resposta a tentativas do governo federal de omitir dados e atrasar boletins, divulgando informações essenciais sobre os óbitos e infecções somente após o fim dos principais telejornais brasileiros. A operação inédita foi formada pelo G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL, que, juntos, apuraram diariamente os dados diretamente com as Secretarias Estaduais de Saúde, sem o intermédio do Ministério da Saúde³.

No que diz respeito a fontes, por outro lado, o jornalismo da pandemia deu voz aos trabalhadores, principalmente da área da saúde, que assumiram um papel fundamental na cobertura.

As fontes testemunhais, elas são muito importantes para que a cobertura seja mais humanizada. Eu acho que os jornais estão fazendo um esforço de reportar o drama que as pessoas estão vivendo. É sempre difícil falar do sofrimento: quais são os limites do público e do privado? Eu tenho visto matérias importantes sobre a rotina dos médicos e de enfermeiros, dos garis, dos policiais. Há um esforço de muitos jornalistas diferentes de fazer pequenas biografias de pessoas comuns, que não são celebridades (Benetti, 2021, p. 39).

Em se tratando especificamente do telejornalismo durante a pandemia, é necessário analisar o principal ponto que difere a televisão dos demais veículos: a forma. Nesse aspecto, ficou evidente a volatilidade dos modelos jornalísticos em meio ao cenário de convergência acelerado pela crise social. Celulares e tablets tomaram o lugar das câmeras DSLR, enquanto enquadramentos em close e cenários domésticos passaram a compor as imagens dos telejornais a partir de 2020.

Siqueira, Freire e Souza (2021) tratam, em artigo, de técnicas e ferramentas da teledramaturgia usadas pelo JN. Técnicas do audiovisual como sobre sons, silêncio em vez de trilhas, filtro preto e branco e penumbra se fizeram presentes nas edições do telejornal. No que diz respeito à narrativa, o luto pelas vítimas fatais da doença foi materializado em homenagens no cenário, como fotos no telão, além de reportagens especiais.

Para fazer uso do artifício da narrativa dramática, o JN valeu-se da utilização de personagens. Nesse caso, diante do exposto em editoriais, quadros temáticos e

³ Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>> Acesso em 14 de julho, 2024.

reportagens, nós consideramos os próprios apresentadores e repórteres do telejornal também como personagens. É que a pandemia afetou, de maneira nunca vista, a vida pessoal e profissional de todos. Os jornalistas citados estavam com as emoções afloradas e demonstraram isso (Siqueira; Freire; Souza, 2021, p. 109).

Segundo os autores, os personagens estavam quase sempre assumindo os papéis de heróis/mocinhos, vilões/bandidos, sendo o vírus o principal dos vilões.

Também foram criados quadros temáticos, como o “Aqui Dentro”, com testemunhos de profissionais da saúde, e o “Solidariedade S/A”, exaltando ações sociais de empresas durante o período de crise, em uma tentativa de “demonstrar sua responsabilidade social por meio da responsabilidade social das empresas”. Editoriais, também baseados na dramaticidade, se tornam corriqueiros na voz de Renata Vasconcellos e de William Bonner, apresentadores do JN.

Para trazer a discussão sobre os telejornais no Brasil de 2024, é necessário considerar o cenário político da última década. A polarização e a utilização de estratégias de desinformação para fins políticos impactaram a reputação da imprensa e dos telejornais. O viés de confirmação se manifesta na tendência do público em buscar e consumir informações que reforcem suas convicções políticas, evidenciando o fenômeno da exposição seletiva ao conteúdo informacional. Esse evento, em consonância com a politização da pandemia, resultou em limitações no acesso à informação pela população brasileira durante a crise sanitária, conforme levantamento sobre o consumo dos jornais noturnos da Rede Globo e da Record.

O partidarismo e a religião foram importantes preditores do consumo de notícias desses veículos. Evangélicos e adeptos do “partido do Bolsonaro” eram telespectadores mais assíduos do Jornal da Record; católicos, partidários de outras legendas e apartidários consumiam mais o Jornal Nacional. Esses resultados indicam que os brasileiros consomem notícias em consonância com suas convicções políticas e que alguns grupos podem estar recebendo menos informação sobre a COVID-19 (Mundim, et al., 2020).

Por fim, conforme Pereira e Coutinho (2023), alguns dos impactos da pandemia no formato e na linguagem do telejornalismo, principalmente no que diz respeito à tecnologia, seguem até hoje, como herança de um marco para o jornalismo como um todo. O uso de celulares para gravações, as entrevistas por vídeo-chamadas, a coleta de informações de redes sociais e a construção da credibilidade por meio de consultas com especialistas permanecem nos telejornais após a maior crise sanitária da história.

3 REPRESENTAÇÃO E JORNALISMO

Este capítulo discorre sobre a influência do processo de seleção de informações na construção da realidade por meio das representações. Antes de se aprofundar na Teoria das Representações Sociais, é necessário conceituar termos essenciais para a discussão.

Primeiramente, uma definição importante é a de identidade. Para Hall (2006), a identidade é uma construção social, moldada por narrativas, histórias e discursos que nos ajudam a dar sentido a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor.

Conforme Hall (2016), a cultura é um conjunto de significados partilhados e representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam linguagem, signos e imagens para produzir significados. Segundo o autor, a representação não é apenas um reflexo passivo da realidade, mas um processo ativo de construção de significados. É, sobretudo, poder. Quem representa tem a capacidade de definir, classificar e estereotipar o outro, sendo capaz de moldar a realidade.

Por fim, tendo em vista que a significação humana é realizada a partir da estrutura social, Moscovici (1978) define as representações sociais a partir do aprofundamento na dimensão coletiva do pensamento, ou seja, dos significados que as pessoas compartilham entre si sobre um determinado objeto social.

As representações sociais são sistemas de valores, noções e práticas que proporcionam aos indivíduos os meios para orientar-se no contexto social e material (...) que tornam inteligíveis a realidade física e social, integram-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios (Moscovici, 1978, p. 79).

Com a Teoria das Representações Sociais, fundamentada em preceitos da sociologia e da filosofia, Moscovici (2016), em seu livro *La psychanalyse, son image et son public* (em português, *A psicanálise, sua imagem e seu público*), apresenta um método de análise da construção do senso comum, fundamental para a discussão da influência dos sistemas de comunicação na formação da representação de um grupo, como é o caso deste estudo.

A linguagem não pode ser tratada separadamente do complemento humano, nem do padrão emissão-recepção (estímulo e resposta). Sob influência da Psicologia, da Sociologia, da Comunicação e da representação social, hoje em dia se reconhece que os estímulos e respostas não ocorrem isoladamente, mas agrupam-se em padrões, ou seja, não se pode restringir os estudos desses fenômenos apenas a uma questão fonética, semântica, semiológica (Alexandre, 2001).

Para compreender a conexão entre a mídia e as Teoria das Representações Sociais e analisar a relevância do jornalismo na construção da realidade, vamos elencar as finalidades do jornalismo, categorizadas por (Reginato, 2019) da seguinte forma:

a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integrar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade. (Reginato, 2019, p. 233).

Sobre a finalidade “informar de modo qualificado”, Moscovici (2003) explica que a difusão, ou seja, o processo de disseminação de uma ideia, ocorre por meio da comunicação e da interação social. Sob a ótica da psicologia social, ao cumprir com a finalidade de “informar”, a mídia tem um papel ativo e central na criação das representações, visto que informa de forma massificada. As informações apresentadas (ou não apresentadas) pelos meios de comunicação moldam ou reforçam a percepção a respeito de um acontecimento ou da identidade de um grupo. Portanto, a apresentação, na mídia, de grupos marginalizados, com ausência histórica de representação, é evocada pelo propósito de “esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade”. Se a mídia pode ser determinante para a consciência pública da existência de algo ou alguém, é importante analisar a responsabilidade do jornalista a partir da finalidade de “selecionar o que é relevante”.

Em debates inaugurais na literatura acadêmica de jornalismo sobre o processo de produção da informação, White (1950) constata, com a teoria do Gatekeeper, uma ligação direta entre critérios arbitrários e a seleção de notícias. No avanço das teorias sobre a produção de notícias, amplia-se a perspectiva da relação entre a subjetividade do jornalista e a noticiabilidade de um acontecimento. São considerados outros fatores, para além da subjetividade, que permeiam o processo de edição jornalística, como tempo, equipes, e linhas editoriais das organizações.

A partir dos anos 70, conforme Traquina (2005), as teorias de ação política discutem outros aspectos da produção jornalística, como a parcialidade política ou a subordinação a elites políticas e econômicas. Também durante os anos 60 e 70, surgem as teorias estruturalista e interacionista, elaborando o aspecto social da notícia, resultantes de um processo complexo de interação entre agentes sociais. Moscovici (1978), contemporaneamente a esses teóricos, na psicologia social define que é por meio das representações que se constitui a realidade. Ele explica que todas as representações sociais são formadas a partir de “elos prévios de sistemas e imagem, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem”. O jornalismo, tendo a linguagem como instrumento, torna-se um desses agentes sociais na construção da realidade.

O jornalismo, como instituição, e seus agentes, participam de produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, mas nunca isoladamente, porém em diálogo permanente com os demais atores sociais. O jornalismo é também uma forma de objetivação da exteriorização do homem, entre outras tantas desenvolvidas pelas tecnologias intelectuais contemporâneas. Um acontecimento relatado pelo jornalismo difere de um não relatado por ele talvez principalmente por este aspecto (Alexandre, 2001).

A Teoria do Agendamento defende que a exposição midiática de um assunto não define o que iremos pensar, mas sobre o que iremos pensar. Esse é um ponto importante – não se trata de uma manipulação direta da realidade, mas de um impacto nela a partir do processo de seleção de informação, permeado pela subjetividade. A partir dos anos 90, com os estudos da colonialidade do pensamento, observa-se a prevalência de legados do colonialismo, como o racismo e o machismo, nas estruturas de produção de conhecimento jornalístico.

O “de que lugar” se está pensando vai condicionar as experiências que se visibilizam e as que se invisibilizam. Dito de outro modo, o visível e o invisível de uma teoria está fortemente condicionado pela geopolítica e corpo-política do conhecimento a partir do lugar de onde pensamos (Grosfoguel, 2012).

Remetendo às finalidades do jornalismo, fica clara a presença da subjetividade no processo de “interpretar e analisar a realidade”, de determinar o que é socialmente relevante, principalmente levando em consideração o conceito de objetivação, de Moscovici (2003) – o processo pelo qual ideias abstratas se tornam concretas. A importância do jornalismo na formação e na naturalização de uma imagem reside muitas vezes aqui, já que os meios de comunicação são responsáveis por “traduzir” informações complexas (como conhecimento científico, economia ou política) para as massas. Um exemplo simples são reportagens com manchetes que contêm um questionamento seguido do termo “entenda” para explicar algum assunto que está sendo introduzido no debate público, mas que não alcança a maioria (no aspecto intelectual). Ao traduzir, explicar, simplificar, os veículos de comunicação formam uma imagem nova, que até então era inexistente ou completamente abstrata. Muitas vezes esse processo é exclusivo do jornalismo, tornando-o a ponte entre o indivíduo e o único contato que ele terá com uma informação, aludindo à importância social da finalidade do jornalismo de “fazer a mediação entre os fatos e o leitor”.

A Teoria das Representações Sociais leva à reflexão sobre a relação entre o social e o jornalismo como um processo de influência recíproca. A imprensa, portanto, é responsável por representações massivas, mas é influenciada pelo interesse público, sendo complexo determinar a origem de uma representação social. É possível, apenas, afirmar o potencial que a mídia tem de alimentar e criar imagens – potencial de construção da realidade.

Se o jornalismo é responsável por representações, também é responsável pela formação da identidade dos indivíduos ou dos grupos, que é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2016). A identidade é uma questão cara ao campo científico da enfermagem, devido à indefinição da identidade profissional e imagem desfavorável da profissão na sociedade, como consequência da construção histórica da enfermagem (Silva, Padilha, Borenstein, 2002). A televisão tem influência específica no aspecto da identidade.

Podemos afirmar que os meios de comunicação – em especial a televisão – influenciam os processos de construção das identidades. Dominique Wolton (2006) acredita que as identidades sejam transformadas a partir da veiculação de mensagens pela televisão, o que significa que a TV constitua-se em um meio também reflexivo através do qual indivíduos e grupos possam reconsiderar suas opções e tradições (Martins, 2009, p. 4).

Tratando da recepção, para Moscovici ela está conectada à concepção de ressonância cultural. Quer dizer que para que a difusão de uma ideia aconteça, é necessário que ela tenha conexão com a cultura e os valores de uma comunidade. É um viés de confirmação: ideias alinhadas com as crenças existentes são difundidas e assimiladas com mais facilidade.

Ainda que a formação de um senso comum seja essencial por orientar de forma prática a vida cotidiana em sociedade, a possível consequência de reforçar um estereótipo tem impactos diversos no campo social. Quando a mídia brasileira expressa estereótipos de gênero e raça, por exemplo, essas representações são cristalizadas, porque a difusão de uma imagem encontrou ressonância cultural no machismo e no racismo presentes nesta sociedade.

A recepção não é um processo direto. Moscovici chama de ‘transformação’ a modificação individual de uma ideia que acontece ao entrar em contato com uma nova imagem, levando em conta o contexto cultural e social do receptor. Essa plasticidade das representações ocorre caso haja o que autor denomina permeabilidade, que diz respeito à possibilidade de uma representação ser atravessada por um novo conhecimento. Pode haver a resistência individual a um senso comum por uma decodificação particular do conhecimento, por meio da compreensão de uma informação diferente das absorvidas anteriormente. É por meio da permeabilidade das representações sociais que acontece a evolução cultural, que permite que novas ideias sejam incorporadas em uma sociedade.

Para Moscovici, a formação das representações sociais depende da qualidade e do tipo de informações sobre o objeto social que o indivíduo dispõe, do seu interesse pessoal sobre aspectos específicos do objeto e da influência social no sentido de pressionar o indivíduo a utilizar informações dominantes no grupo. Ele propõe uma relação particular entre sistemas de comunicação e as representações sociais, apoiado no caráter circulante e móvel de sua teoria. As representações sociais se

modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicação diferentes. Dessa forma, a mídia, integrada por um grupo de especialistas formadores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações (Alexandre, 2001).

Para concluir, no que diz respeito à manutenção de uma representação, é necessário trazer a memória para a discussão. Moscovici (2003) explica que todas as representações sociais são formadas a partir de um processo denominado ancoragem, que diz respeito à forma como novos conhecimentos ou informações são tornados familiares ao serem associadas com algo já conhecido e compreendido, em uma contextualização cultural. Em referência à finalidade de “registrar história e construir memória” também há o impacto do jornalismo ao estabelecer as estruturas sociais por meio do registro dos fatos.

Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente. O poder e a claridade, peculiares das representações, isto é, das representações sociais, deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe (Moscovici, 2003, p. 38).

A responsabilidade do jornalismo, ao publicar uma notícia e construir representações que aparentemente só impactam o presente, não é somente com a contemporaneidade. Nesse sentido, a instantaneidade da produção de notícias ao mesmo tempo que permite acumulação de informações e sua disponibilidade para a posterioridade, tem efeitos na produção e na qualidade da notícia.

O jornalismo sofre com esta efemeridade no seu modo de produção. Insere-se cada vez mais no tempo real (...). Nas coberturas imediatistas e simplistas, o jornalista parece atuar, acima de tudo, como uma espécie de controlador de testemunhos alheios, sem assumir integralmente ele mesmo o papel de testemunha da História (embora evidentemente ele ainda procure se autoconstituir como tal) (Gerk; Barbosa, 2018, p. 152).

“Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna”, coloca Moscovici (2003), ao tratar da importância do reconhecimento das raízes das representações. “Para compreender uma representação é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu”, complementa. Quer dizer, é importante entender e relembrar a origem daquelas representações que desejamos transformar.

Ainda é preciso, no entanto, dar ao esquecimento um lugar na compreensão da memória, e, em nosso caso, percebê-lo como parte do gesto jornalístico de lembrar – com o devido reconhecimento de que, em diversas ocasiões, evoca-se a memória exatamente para que haja a possibilidade de esquecer (Lage, 2013).

Em conclusão, as categorizações das finalidades do jornalismo (Reginato, 2019) ajudam a guiar a compreensão a respeito do papel do jornalismo na sociedade e, portanto, no processo das representações sociais. Não é possível denominar uma causalidade na relação de construção mútua entre o jornalismo e a realidade, mas identifica-se a partir da relação entre a psicologia social e as teorias do jornalismo, a relevância da mídia enquanto ator social.

4 A ENFERMAGEM NO JORNALISMO

Neste capítulo será feito um resgate da representação da enfermagem na mídia jornalística ao longo da história e durante a pandemia. Será traçada a relação entre o jornalismo, a visibilidade, a valorização e a construção de estereótipos na profissão.

4.1 Histórico da representação dos profissionais da enfermagem no jornalismo

A identidade profissional da enfermagem transita em um movimento pendular entre o sagrado e o profano – conceitos estabelecidos pelo cristianismo. Nos primórdios da profissão no Brasil, havia enfermeiras ligadas à religião e à filantropia, vistas como santas inteiramente. Mas existiram também mulheres leigas, analfabetas, alcoólatras e prostitutas, cujo corpo era vendido a partir do sexo ou do cuidado (Silveira, Gualda e Sobral, 2003). Na mídia, esse dualismo se faz presente nas representações da profissão.

A profissionalização da enfermagem no Brasil é marcada pela premissa da relação vertical entre médicos e enfermeiras e pela perspectiva de devoção feminina ao cuidado. Santo, Oguisso, Fonseca (2011) analisaram um dos primeiros registros da enfermagem na mídia brasileira. A criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), primeira escola de enfermagem do Brasil, inaugurada em 1890, foi noticiada no Diário Oficial com o uso das expressões “amparam, dirigem e educam meninas desvalidas” para torná-las “criaturas úteis a si e a sua pátria”.

O título da matéria - Escola de Enfermeiras - por si só modifica o nome original da instituição ao excluir os enfermeiros, dirigindo a informação apenas para as mulheres. Esse fato é reiterado quando o texto cita a escola como uma possibilidade para meninas, ao descrever a EPEE como “campo vastíssimo à atividade da mulher, onde, por sua delicadeza de sentimentos e apuro de carinhos, não terá competidores”, trabalhando como “o complemento do médico” (Santo, Oguisso, Fonseca, 2011).

Os autores revelam como a escolha editorial de não mencionar os homens, presente também no “Jornal do Commercio” e na revista “O Brazil Médico”, ainda que a escola fosse voltada também a eles, reforça a perspectiva que se desejava passar: o público-alvo eram as mulheres, que deveriam estar subjugadas aos médicos (estes, sim, homens), remetendo a Beauvoir (2019), que aponta que a mulher não é sujeito em si, mas um objeto, o outro.

As notícias mencionadas, no entanto, têm caráter ambivalente, haja vista que, ao mesmo tempo que conferem às enfermeiras um olhar generificado e às mulheres os estereótipos, proporcionam visibilidade à profissionalização feminina em um cenário de restrita inserção ao mercado de trabalho.

Uma vez desvalorizado o trabalho que as mulheres realizam no âmbito doméstico e sendo o cuidar profissional, em muitos momentos, confundido com o que se dá nesse espaço, há uma estreita relação entre o lugar social de mulheres e de enfermeiras (Coelho, 2005).

Em um estudo das assinaturas imagéticas das aspirantes e enfermeiras na imprensa ilustrada entre 1890 e 1925, Porto e Neto (2014) analisaram como símbolos das enfermeiras, como os gorros, os véus e as cruces estampadas nas vestimentas, foram usados para fins publicitários de medicamentos, pela influência do processo de profissionalização da enfermagem, que conferiu alguma autoridade às profissionais. Esses atributos dos uniformes, “marcavam nos corpos das Aspirantes/Enfermeiras signos que, aos poucos, creditavam confiança, possivelmente, no imaginário coletivo, fosse pelo véu, gorro ou touca” (Porto; Neto, 2014).

Na Europa, em um cenário político distinto do Brasil, os movimentos feministas do início do século passado ajudavam a criar uma imagem positiva da enfermagem. Em Portugal, Barros Pires (2012) investigou como artigos publicados na imprensa oficial da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas foram um contraponto aos discursos de desprestígio em relação à enfermagem, vigentes na imprensa da época.

Podemos compreender que as feministas da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, ao aderirem ao ideário republicano e ao defenderem o trabalho como uma forma de alcançar a autonomia feminina e a independência econômica em caso de abandono ou viuvez, incluísem a enfermagem na lista das suas reivindicações transmitindo uma imagem de profissão digna e honrosa (Barros Pires, 2009).

Mecone e Freitas (2009) refletem sobre a representação da enfermagem na Revista da Cruz Vermelha Brasileira durante o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1945, com o envio de soldados e enfermeiras ao front, na Itália. Sob a exploração de ideais militares, as enfermeiras passaram a ser, na imprensa censurada pelo Estado Novo, um símbolo patriótico.

A análise das revistas mencionadas nos permite perceber certa prolixidade quanto à exaltação da enfermagem da época, cabendo a mulher/enfermeira toda a glória pela sua bondade instintiva ao sexo. O que reforça o estereótipo desejado para representar a enfermeira da época (Mecone; Freitas, 2009).

Destaca-se a expressão, por meio do jornalismo, da relação contrastante entre a enfermagem (um dom inerente) e a medicina (a ciência).

É possível observar certa importância dada ao carisma das práticas de enfermagem, e não necessariamente atrelado ao conhecimento para exercer tal prática enfatizando, em contrapartida, a intencionalidade de supervalorizar o saber médico (Mecone; Freitas, 2009).

Por outro lado, os registros mostram que os enfermeiros homens tiveram, próximo desse período (1920-1940), pouco espaço nas notícias. Eles eram bem vistos pela sociedade somente na atuação em locais como hospícios e hospitais militares, conforme Souza, et al. (2019).

O gênero demarcou, ao longo da história da enfermagem no Brasil, a distribuição do trabalho e do ensino. A divisão sexual do trabalho, ou seja, a organização das funções e das responsabilidades com base no gênero, em uma profissão cuja aptidão ao cuidado é um critério, constituiu obstáculo ao ingresso profissional de homens, que, em seu papel social, não estão relacionados ao exercício do cuidado.

Enquanto havia uma preocupação das instituições de ensino de enfermagem com a formação exclusiva ou majoritária de mulheres, sob o discurso hegemônico da habilidade feminina com o cuidado, os homens eram questionados ao desempenhar as funções de assistência à saúde. Estes, por sua vez, deveriam ser médicos e desfrutar do prestígio social. Em razão disso, tiveram um espaço reduzido de representação na imprensa, mas que foi significativo para a formação da identidade profissional da enfermagem.

Os enfermeiros egressos da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, noticiados pelas matérias jornalísticas, tinham como próprio efeito a superação das construções sociais que moldaram a enfermagem à imagem do feminino, em detrimento do masculino. A diversidade dos cargos e instituições que foram marcadas pela presença do enfermeiro apresentou efeito de ruptura na ideia das qualidades inatas, demonstrando que habilidades e competências são construídas e não dadas de forma fixa (Souza et al., 2019, p. 6).

Em análise sobre as publicações na mídia impressa no período que antecede a lei nº 7.498 de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, Silva et al. (2018) constatam que a profissão é retratada majoritariamente a partir de questões polêmicas, como eventos adversos, condutas inapropriadas, protestos, desvio de funções e sobrecarga, por exemplo. Isto “acarreta em perda de credibilidade por parte da população e outros profissionais da equipe de saúde” (Silva et al., 2018). Em uma das matérias mencionadas na pesquisa, publicada pela Folha de S. Paulo em 1985, é inclusive retratada uma tentativa de suicídio após a acusação de um erro por parte de uma enfermeira, que levou um paciente à morte. As autoras ainda mencionam a falta de humanização dos enfermeiros expressa na forma como foram abordados os eventos adversos, ao desconsiderar uma série de possíveis erros que acarretam em um evento adverso e não dizem respeito somente ao sujeito: “Outro destaque foi para o momento pós-erro, em que a ênfase é dada à punição, ao invés da educação ao profissional” (Silva et al., 2018).

No que diz respeito à contemporaneidade, é necessário que haja uma análise independente, principalmente tendo em vista o fenômeno da pandemia, um marco para a história da enfermagem.

4.2 A representação da enfermagem durante a pandemia de covid-19

Dados da pesquisa publicada pelo COFEN em 2017, na qual foi traçado o Perfil da Enfermagem no Brasil, corroboram a desvalorização dos profissionais antes da pandemia. Foram constatadas jornadas de trabalho desgastantes, muitas vezes duplas, para complementação de renda em função da baixa remuneração, situação denominada como *multiemprego*. 20% dos profissionais de enfermagem afirma já ter sofrido algum tipo de violência no ambiente de trabalho (institucional, psicológica, física ou sexual). No que diz respeito à discriminação, 18% afirmam que já sofreram durante o exercício profissional, sendo desse total 48% de gênero e 25% racial. As condições de trabalho foram consideradas regulares ou péssimas por 43% dos profissionais de enfermagem da rede pública de saúde.

É possível afirmar que, durante a pandemia, o jornalismo deu maior visibilidade para o trabalho em enfermagem. Assim, a crise sanitária também escancarou as más condições de trabalho da categoria, principalmente na saúde pública. Resgatando o que afirmam Siqueira, Freire e Souza (2021), na narrativa de dramaturgia nos telejornais de vilões e vítimas, os enfermeiros com certeza estavam posicionados como vítimas – da doença mortal e da falta de valorização profissional.

O protagonismo dos profissionais em notícias nos principais veículos de comunicação, efetuando denúncias sobre as condições de trabalho (como a ausência de insumos e EPI, situação das unidades de saúde e a realidade de como está sendo enfrentada a pandemia no país), a vulnerabilidade, o adoecimento e morte, inseriu a Enfermagem brasileira no cotidiano da mídia nacional e mundial (Freire et al., 2021).

É exigida, por determinação legal, a utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) em funções que exponham o trabalhador a riscos. A falta desses equipamentos, em um momento que os trabalhadores da área da saúde tiveram os riscos aumentados, foi um ponto importante da cobertura do trabalho em enfermagem.

Conforme analisado por Moreira, et al. (2020), no entanto, há ambiguidade na forma como a mídia, ao tornar essa uma pauta central, representou os enfermeiros no início da pandemia. Apesar de ter sido destacada a importância desses profissionais, especialmente em

nível hospitalar, reduziram a falta de valorização e os riscos impostos a esses indivíduos à falta de máscaras de proteção.

A falta de EPI foi, de fato, um eixo muito importante dos impactos da pandemia nos profissionais da saúde, mas em se tratando das equipes de enfermagem, não se pode ignorar o histórico anterior à pandemia, que foi potencializado pela covid: a exaustão emocional e física.

Considerando a Teoria do Reconhecimento como balizadora da análise aqui realizada, evidencia-se que autoconfiança, autorrespeito e autoestima propostos por ela não se manifestam de forma satisfatória sobre a Enfermagem frente à COVID-19 veiculada pela imprensa, pois assuntos como jornada de trabalho, salário e outros ficam subtraídos pela dificuldade de insumos (Moreira, et al., 2020, p. 122).

A falta de EPI continuou sendo pauta ao longo da pandemia, e, aos poucos, foi abrindo espaço também para a morte e o sofrimento dos enfermeiros situados no Brasil. O jornalismo voltou-se a reportagens de perfis, com foco nas histórias e nas emoções daqueles que conviviam com o maior inimigo mundial à época, a covid.

O aspecto emocional foi muito explorado pela mídia durante a pandemia. Enfermeiros, que já enfrentavam desafios psicológicos antes de 2020, foram ainda mais impactados durante o período pandêmico. De acordo com Santos (2012), sob a ótica social do adoecimento psicológico, sintomas sugestivos de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, foram associados a profissionais de enfermagem do sexo feminino, com cor ou raça parda e renda mensal abaixo de cinco salários mínimos.

Os depoimentos contrastavam com o pronunciamento de Jair Messias Bolsonaro, em 24 de março de 2023, no qual o então presidente chama a covid de “gripezinha” em meio ao avanço exponencial da doença em todo o mundo, fato que esteve presente na narrativa de toda a pandemia no Brasil.

A relação entre a morte e a política no país foi tema recorrente na mídia nacional e internacional. A matéria “*Brazil’s Nurses Are Dying as Covid-19 Overwhelms Hospitals*”⁴ publicada no *The Wall Street Journal*, um dos principais portais do mundo, denunciou a morte de enfermeiros pela falta de EPI, relacionando o colapso do sistema público de saúde ao governo, que minimizava os impactos da doença.

Tendo em vista as publicações de relevância internacional, outra reportagem no *The Guardian* também trata da morte de enfermeiros brasileiros e do descaso do presidente Bolsonaro. Na publicação “*‘My mother was murdered’: how Covid-19 stalks Brazil’s*

⁴ Disponível em <<https://www.wsj.com/articles/brazils-nurses-are-dying-as-covid-19-overwhelms-hospitals-11589843694>> Acesso em 17 de julho, 2024.

nurses”⁵, o periódico é categórico ao usar as palavras “assassinato” e “perseguição”, deixando clara a intencionalidade de uma série de práticas governamentais.

Reportagens sobre as manifestações em aplausos, das janelas, aos profissionais de saúde figuraram em muitos veículos da imprensa mundial. O Grupo RBS, inclusive, promoveu uma campanha, chamada #AplausoPelaVida, que incentivava um momento de homenagens, em salva de palmas, no Rio Grande do Sul. Na matéria de GZH⁶ após o acontecimento, a escolha editorial foi de ouvir um profissional supostamente representando todo o setor da saúde (uma médica) além de autoridades de diferentes áreas da sociedade (política, religião, justiça, tradicionalismo e transporte), que também desejavam celebrar o trabalho em saúde, reforçando a alcunha de “heróis” daqueles posicionados no *front*.

Tendo em vista a perspectiva desse artigo a partir do trabalho e do trabalhador, é importante resgatar manifestações dos conselhos e sindicatos de enfermagem em resposta aos aplausos. No início de 2020, quando os aplausos foram mais frequentes, o COFEN publicou diferentes artigos de opinião, questionando a romantização da situação que os enfermeiros enfrentavam. “Homenagens e aplausos nas varandas confortam o coração, mas médicos e enfermeiros também precisam de valorização real na labuta, afinal exercem uma profissão que não se resume a um sacerdócio”, afirma a entidade na publicação de 29 de abril de 2020, com o título “Os profissionais da saúde precisam de mais do que palmas nas janelas”⁷. Quando a morte e a desvalorização eram um retrato da categoria, os sindicatos tentaram converter aplausos em assinaturas de abaixo-assinados que requeriam jornadas e condições de trabalho adequadas, aumento da porcentagem de insalubridade e, principalmente, a implementação do piso salarial da enfermagem.

A narrativa heroica, alimentada pela mídia, teve implicações na real valorização do trabalho realizado durante a pandemia.

O mito do herói atual reativa antigos mitos e distancia os profissionais cada vez mais de uma formação política efetiva, que seja capaz de, primeiramente, questionar e duvidar. A romantização do cuidado de enfermagem através do discurso do herói negligencia e apaga o contexto violento brasileiro, e não provê perspectivas analíticas promissoras para futuras discussões críticas sobre a pandemia de COVID-19 em articulação com os profissionais que mais morrem no mundo decorrentes desta (Miasato, 2022, p. 128).

⁵ Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2020/may/27/brazil-coronavirus-nurses-deaths-cases>> Acesso em 17 de julho, 2024.

⁶ Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2021/03/apluso-pela-vida-rs-se-une-em-onda-de-aplausos-para-homenagear-profissionais-da-saude-ckm6znj6u004h016uzdzhz9na.html>> Acesso em 17 de julho, 2024.

⁷ Disponível em <<https://www.cofen.gov.br/os-profissionais-da-saude-precisam-de-mais-do-que-palmas-nas-janelas/>> Acesso em 21 de julho, 2024.

Conforme Silva-Santos et al. (2023), a partir de 2021, tornaram-se mais comuns as publicações envolvendo a reivindicação de vacinação para os profissionais de saúde. Em 17 de janeiro daquele ano, a vacina contra a covid-19 teve seu uso em humanos autorizado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). A primeira pessoa a ser vacinada contra a doença no Brasil foi Mônica Calazans, auxiliar de enfermagem durante 26 anos, que conquistou o diploma de enfermeira aos 47 anos. Mulher, negra e classificada no grupo de risco para desenvolvimento de complicações pela doença, a enfermeira representou, de fato, os profissionais de saúde, além de toda a população que ansiava pela vacina. “Quem tem um dom de cuidar do outro sabe sentir a dor do outro e jamais o abandona”, disse Calazans sobre o trabalho em enfermagem durante a pandemia.

O momento foi transmitido ao vivo pelos principais veículos de imprensa do país. Se Santos et al. (2021) apontava a invisibilidade das enfermeiras como fonte de informação para a imprensa, porque elas eram consideradas as ajudantes dos médicos, durante a pandemia foi diferente:

A pandemia da COVID-19 no Brasil trouxe o trabalho e as trabalhadoras da enfermagem para o centro de debate jornalístico. Não há na história recente do Brasil outro período em que se registrem cobertura e produção jornalísticas envolvendo o campo de trabalho da enfermagem nas dimensões aqui analisadas (Silva-Santos, et al., 2023).

Broering et al. (2023), refletem, em artigo, sobre as implicações da pandemia para a construção da identidade das enfermeiras a partir da mídia jornalística. O trabalho dos profissionais de saúde e, principalmente, dos enfermeiros foi visibilizado por toda a sociedade, formando “uma nova identidade profissional da enfermagem”. A relação da categoria com a mídia passou por mudanças que resultaram em um importante fortalecimento dos profissionais. Também houve um estreitamento de relações: “As enfermeiras aprenderam também a usar esse mecanismo de comunicação para se fazer presentes e para lutar pelos seus direitos” (Broering et al., 2023). A pandemia foi um potencializador da consciência, por parte da sociedade brasileira, a respeito da essencialidade do trabalho das enfermeiras, assim como reforçou a importância do espaço midiático nessa construção, e no objetivo final da valorização – a implementação de políticas públicas que visem à melhoria das condições de trabalho.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem como finalidade apresentar a análise do objeto de estudo que busca responder à seguinte pergunta: “como a série *Aqui Dentro*, do JN, representou a enfermagem durante a pandemia de covid-19?”. Será exposta também a metodologia usada no estudo empírico e apresentadas a definição do corpus, além da análise.

5.1 Rede Globo

A Rede Globo, canal de televisão que estreou no dia dia 26 de abril de 1965, consolidou-se como um dos principais veículos de comunicação do Brasil e do mundo. Desde 1967 a emissora mantém a mesma lógica estratégica na grade do horário nobre, com duas novelas, seguidas pelo JN, uma terceira novela e uma atração especial. Em site institucional, a emissora define o jornalismo como “o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas”.

A Globo destaca três atributos para a informação de qualidade, alinhados aos princípios da empresa: isenção, correção e agilidade. Atualmente, a programação da Rede Globo é transmitida tanto pela TV aberta, quanto pelo serviço de streaming GloboPlay.

5.2 Jornal Nacional

Criado em 1º de setembro de 1969, o JN foi o primeiro telejornal brasileiro a ser transmitido em rede nacional. Hoje o JN é o principal telejornal da Globo e líder de audiência no horário nobre. Apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos, o JN tem cerca de 45 minutos de duração e faz a cobertura das principais notícias nacionais e internacionais.

A bancada luminosa e futurista do JN é o verdadeiro altar onde a Globo, e as emissoras que seguem o padrão por ela adotado, celebram o ritual diário de mostrar e interpretar o Brasil que se vê e se reconhece pela TV. Na Grécia antiga a Ágora na praça central era o ponto de encontro das pessoas. Ali era debatida a sociedade, os direitos, os deveres, os conceitos de verdade e de mentira, o certo e o errado. A praça pública do nosso tempo agora é o Telejornalismo, o lugar das notícias de todos os dias. Bons e maus, justos e injustos, ídolos ou malfeitores, todos desfilam pela tela da TV, numa espécie de show room a mostrar notáveis aventuras e desventuras humanas, exibindo o sucesso e o fracasso das pessoas, indicando e sugerindo os modelos a seguir e, servindo, também, de vitrine para o poder (PORCELLO, 2019).

As séries de reportagens começaram a ser exibidas no telejornal a partir de 1996. A primeira foi produzida pelo jornalista Joelmir Beting, denominada ‘O Futuro do Emprego’. No site ‘Memória Globo’, que reúne todas as séries apresentadas pelo JN, a emissora justifica

o uso do formato pela necessidade de maior aprofundamento nos assuntos, possibilitada pela divisão em capítulos.

A importância de uma série de reportagem está em sua capacidade de dissecar um assunto e aprofundá-lo durante uma semana inteira. Ganha o repórter, que trabalha melhor o tema escolhido; ganha o telespectador, que o entende com mais facilidade. O jornalismo diário tem uma limitação de tempo que, às vezes, põe obstáculos ao pleno entendimento de um contexto. Nada melhor do que uma série para buscar, com mais profundidade, os antecedentes, as consequências e os movimentos internos que regem um fato (Marcelo Canellas, repórter; MEMÓRIA GLOBO, 2022)

Durante a pandemia de covid-19, além de ‘Aqui Dentro’, o JN exibiu outras duas séries de reportagens: ‘Vida Online na Pandemia’, que mostrou como a sociedade usou a tecnologia para se adaptar às necessidades de confinamento no período mais difícil da crise, e Solidariedade S.A., que apresentou iniciativas e doações de empresas durante o período.

5.3 Aqui Dentro

A série ‘Aqui Dentro’ foi exibida no JN entre 11 de maio e 6 de outubro de 2020, totalizando 106 episódios⁸, como um espaço para profissionais da saúde contarem suas experiências de trabalho durante a pandemia de covid-19. No site ‘Memória Globo’⁹, a emissora resume a temática da série: “enfermeiros, médicos e outros profissionais de hospitais de todo o Brasil enviaram vídeos curtos, em geral feitos nos próprios locais de trabalho, em que falavam sobre a preocupação em salvar vidas diante daquela doença tão surpreendente”.

Em termos estéticos, a série corresponde às limitações de produção do período pandêmico, portanto, os depoimentos são gravados com celular ou câmera de notebook. Uma moldura redonda é utilizada para adaptar vídeos verticais para a resolução utilizada na televisão. A maior parte dos episódios da série são anunciados pelos apresentadores em frente a um telão com fotos das vítimas de covid-19, juntando-se a uma série de outros elementos narrativos dramáticos, como a trilha de introdução dos depoimentos, que simula monitores cardíacos.

⁸ No site ‘Memória Globo’, no qual a série está registrada, são mencionados 47 dias de exibição, mas, conforme o arquivo da Rede Globo, no ‘Globoplay’ foram publicados 106 episódios ao longo de 106 dias.

⁹ Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/aqui-dentro.ghtml>> Acesso em 28 de julho, 2024.

5.4 A Análise de Conteúdo como método

A análise de conteúdo por Bardin (2016) é uma prática de pesquisa comumente utilizada tanto pela psicologia social, quanto pelo jornalismo na investigação das representações sociais, tal qual a presente pesquisa. Por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo de mensagens, a finalidade do método é a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). Por definição da autora:

Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens) (Bardin, 2016, p. 48).

A estrutura do método é sistematizada em três polos cronológicos: primeiro, a pré-análise, secundamente a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise tem como objetivo a organização da estrutura de análise, ainda que exista a possibilidade de interferência nesta organização considerada “aberta”.

Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação da hipótese e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (Bardin, 2016, p. 125).

Para isso, o primeiro passo é realizar a leitura flutuante – definida pela autora como o primeiro contato com os documentos, a fim de analisá-los e conhecê-los, “deixando-se invadir por impressões e orientações”. A partir da leitura flutuante, com um universo demarcado, procede-se à constituição do corpus. O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.

No aporte teórico, foram apresentadas causas e consequências de determinadas comunicações na representação da enfermagem. Nesta análise, pretende-se examinar o objeto ‘Aqui Dentro’, com o propósito de aprofundar-se na representação durante a pandemia, de forma específica. A série tem como foco os depoimentos de profissionais em atuação hospitalar, abrangendo as seguintes ocupações: administrador hospitalar, auxiliar de limpeza, biomédico, dentista, enfermeiro, farmacêutico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, maqueiro, médico, musicoterapeuta, nutricionista, pesquisador, psicólogo e técnico em biotecnologia, com a representatividade de cada um expressa no Gráfico 1.

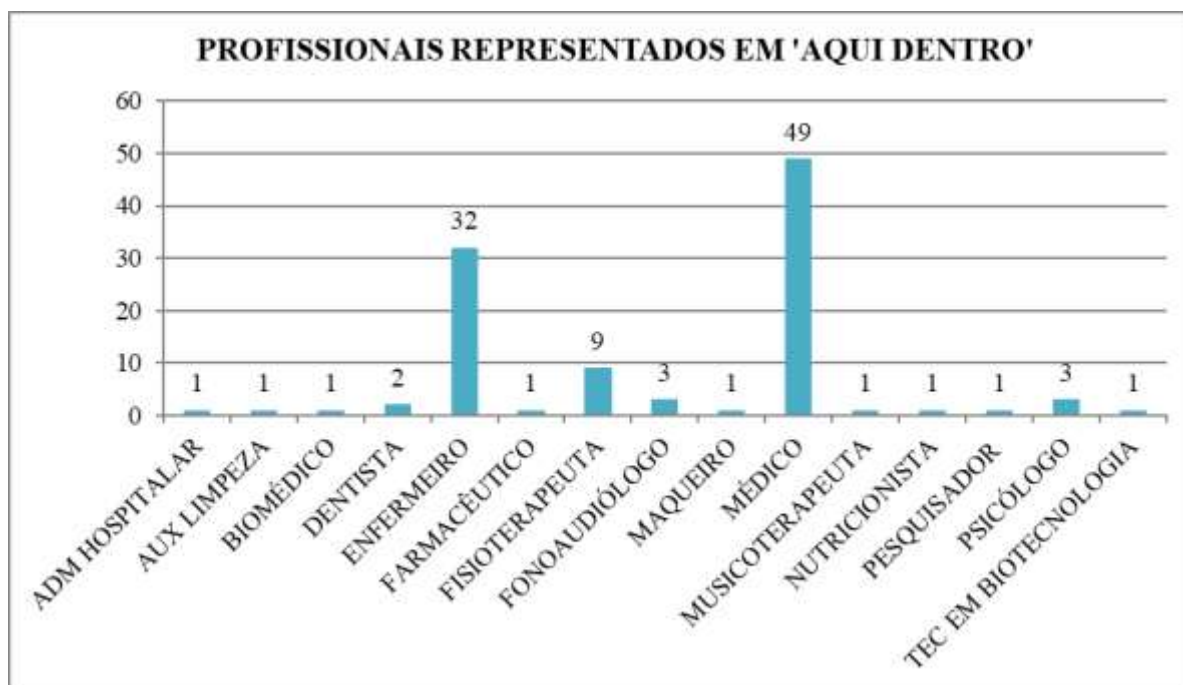


Gráfico 1 - Profissionais representados em 'Aqui Dentro'.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A maior representatividade na série foi a categoria de grande prestígio social no Brasil e principal referência para fontes especializadas em saúde no jornalismo – os médicos –, que se fizeram presentes em 49 episódios da série de reportagens. Os enfermeiros também tiveram uma representatividade significativa, com quase 30% dos episódios.

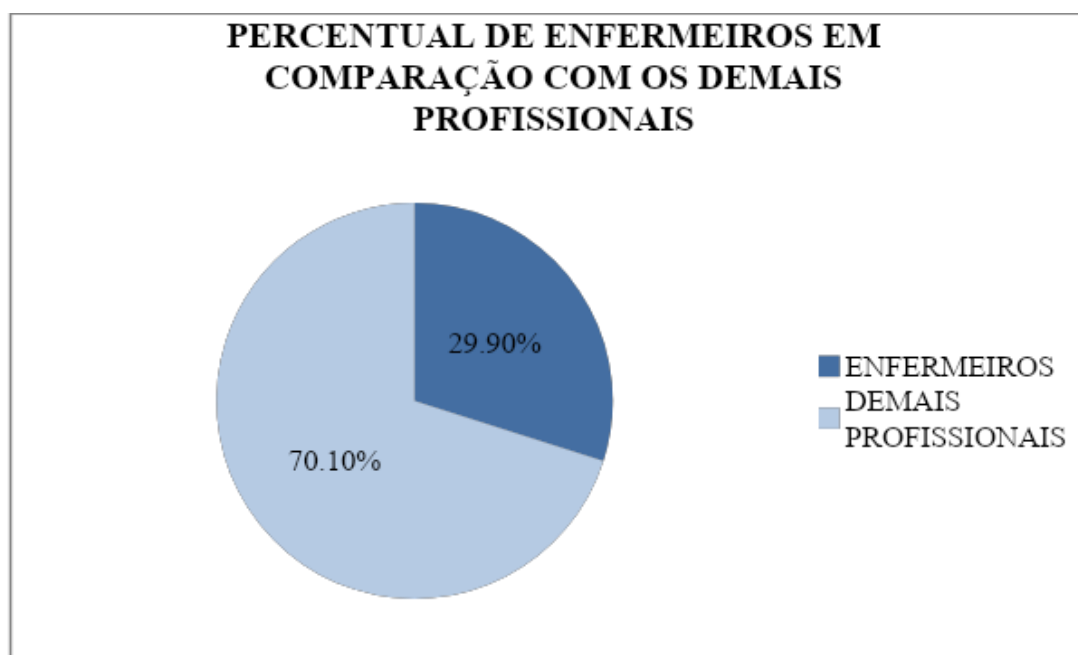


Gráfico 2 - Representatividade da enfermeiros em comparação com os demais profissionais.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A representação da equipe de enfermagem em ‘Aqui Dentro’ é quase exclusiva dos enfermeiros. Todos são categorizados apenas como enfermeiros, com exceção de um gerente em enfermagem (também enfermeiro) e um técnico de enfermagem, conforme os créditos definidos pelo telejornal. Não são representados auxiliares de enfermagem, obstetras ou parteiras.

Para fim deste estudo, que busca identificar a forma como apenas a enfermagem é representada, fez-se a escolha de analisar os episódios da série com presença de algum membro da equipe de enfermagem. O conteúdo do corpus será dividido em duas partes, diferenciadas pelos emissores, que são os apresentadores, que representam o próprio telejornal, identificado pela letra ‘J’, e os enfermeiros, com ‘E’.

Segundo Porcello (2019), a matéria jornalística na TV é uma história contada pela perspectiva do repórter, com imagens captadas pelo cinegrafista. Durante a edição, o jornalista faz escolhas, optando por uma cena em vez de outra, por um trecho específico da resposta do entrevistado em vez de outro. A TV é caracterizada por recortes e fragmentos, sobre os quais são feitos enquadramentos. A série ‘Aqui Dentro’ simboliza uma representação única, porque ambos os discursos, dos apresentadores e dos enfermeiros, são permeados pelo processo jornalístico e compõem a mesma narrativa. No entanto, a divisão do discurso por emissores é necessária para a separação temática, já que os conteúdos de cada emissor são diferentes entre si. No discurso direto, o JN representou a enfermagem de forma diferente de como os enfermeiros representaram a si próprios mediante depoimentos pessoais. Embora os depoimentos dos enfermeiros também sejam uma representação da enfermagem realizada pelo JN, a auto representação também diz respeito à identidade da enfermagem durante a pandemia.

Na Tabela 1, o corpus selecionado é apresentado, indicando cada episódio a partir da letra ‘J’ para o discurso do JN e da letra ‘E’ para os enfermeiros, seguida da numeração, definida por ordem de data de publicação de cada episódio. Na Tabela 2 os enfermeiros estão identificados a partir de características relevantes para esta análise: o gênero e a raça¹⁰.

¹⁰No Brasil as pessoas são identificadas a partir da autodeclaração étnico-racial. Para fins desta pesquisa, usaremos as definições do instituto para identificar características da representação étnico-racial branca a partir dos traços físicos, também chamados de fenotípicos. Uma pessoa branca tem características físicas historicamente associadas às populações europeias. Nos casos que os indivíduos não tenham as características, serão identificados como não brancos, sem definição de identidade étnica.

Tabela 1 - Corpus da pesquisa

Data	Título	Identificação para análise
12/05/2020	Enfermeira de UPA no Rio: ‘Temos que escolher quem tem que ir para o oxigênio mais rápido’	E1, J1
15/05/2020	Técnica em enfermagem conta como foi cuidar da mãe com Covid-19	E2, J2
16/05/2020	Enfermeira atende pacientes da Covid-19 em Palmas	E3, J3
20/05/2020	‘Quem puder, fique em casa. Não vamos conseguir atender todo mundo’, diz enfermeira do RS	E4, J4
21/05/2020	‘Nós sentimos o peso do cansaço no corpo’, relata enfermeiro de Fortaleza	E5, J5
25/05/2020	‘Por trás de todo EPI a gente não pode perder a humanização’, diz enfermeira	E6, J6
27/05/2020	‘Estamos sempre nos atualizando’, relata enfermeira no RS	E7, J7
29/05/2020	Após vencer Covid, enfermeira de Fortaleza fala da volta ao ‘front’	E8, J8
09/06/2020	Enfermeiro: ‘Não vejo minha filha desde o início da pandemia’	E9, J9
12/06/2020	Aqui Dentro: ‘A gente está lutando para que todo mundo volte para casa’, diz enfermeira	E10, J10
15/06/2020	‘Não tem sido fácil conviver com a solidão do paciente’, diz enfermeiro de Petrópolis (RJ)	E11, J11
17/06/2020	Aqui Dentro: ‘Desejo muita força para todos os colegas’, diz enfermeira	E12, J12
26/06/2020	‘Pandemia piorou caos que já existia’, diz enfermeira de Natal	E13, J13
30/06/2020	Aqui Dentro: Não vejo minha filha de 9 anos desde o início da pandemia, relata enfermeira	E14, J14
01/07/2020	‘Vemos nossos colegas vindo a óbito, entubados. Coração apertado’, diz enfermeira de Aracaju	E15, J15
02/07/2020	Aqui Dentro: “ser enfermeira no meio do caos é sentir um aperto no coração “	E16, J16
03/07/2020	Aqui Dentro: “Se fizermos nossa parte, em breve voltaremos a viver melhor”, diz enfermeiro	E17, J17

07/07/2020	“O que tem assustado é ver como doentes estão se agravando no CTI Covid”, diz enfermeira	E18, J18
14/07/2020	‘Você tem que ser forte, apesar do medo, apesar do cansaço’, diz enfermeira carioca	E19, J19
15/07/2020	‘Houve uma mudança na nossa rotina com a pandemia’, diz enfermeira do ES	E20, J20
16/07/2020	‘Tenho um filho de seis anos e optei por deixa-lo’, conta enfermeira de Rio Branco	E21, J21
17/07/2020	Aqui Dentro: “a gente lida diariamente com medos, angústias e incertezas”, diz enfermeira	E22, J22
20/07/2020	“Experiência única”, diz enfermeira sobre trabalhar na linha de frente do combate à Covid	E23, J23
24/07/2020	‘A decisão de não aglomerar traz consequências coletivas’, afirma enfermeira de São Luís	E24, J24
14/08/2020	Aqui Dentro: ‘Muito desgastante estar vivendo esse momento’, diz enfermeiro de MG	E25, J25
19/08/2020	‘Pacientes não têm levado a sério, isso dói muito’, diz enfermeira	E26, J26
09/09/2020	‘A gente só pede a Deus que continue dando esperança, aumentando nossa fé’, diz enfermeira	E27, J27
16/09/2020	‘A gente volta para casa, mas o pensamento continua no hospital’, diz enfermeiro de SP	E28, J28
17/09/2020	‘Não tem sido fácil. Perdemos vários colegas para essa terrível doença’, relata enfermeiro	E29, J29
05/10/2020	Aqui Dentro: ‘Cada dia com um desafio e a gente conseguiu vencer’, diz enfermeira	E30, J30
06/09/2020	‘Essa doença consome a pessoa de uma forma rápida’, diz enfermeira de São José dos Campos	E31, J31

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Tabela 2 - Características dos enfermeiros

Identificação para análise	Gênero	Características fenotípicas
E1	Feminino	Não brancas

E2	Feminino	Não brancas
E3	Feminino	Branças
E4	Feminino	Branças
E5	Masculino	Branças
E6	Feminino	Branças
E7 ¹¹	Feminino	Branças
E8	Feminino	Não brancas
E9	Masculino	Não brancas
E10	Feminino	Branças
E11	Masculino	Branças
E12	Feminino	Branças
E13	Feminino	Branças
E14	Feminino	Branças
E15	Feminino	Branças
E16	Feminino	Branças
E17	Masculino	Não brancas
E18	Feminino	Branças
E19	Feminino	Não brancas
E20	Feminino	Não brancas
E21	Feminino	Branças
E22	Feminino	Branças
E23	Feminino	Não brancas

¹¹ Em E7 estão presentes duas profissionais. Ambas têm características de gênero e fenotípicas correspondentes, por isso, a representação especificamente no episódio é a mesma.

E24	Feminino	Branças
E25	Masculino	Não brancas
E26	Feminino	Branças
E27	Feminino	Não brancas
E28	Maculino	Branças
E29	Maculino	Branças
E30	Feminino	Branças
E31	Feminino	Não brancas

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em Gráfico 3 e Gráfico 4 estão as proporções de representação de gênero e de raça dos enfermeiros presentes na série.

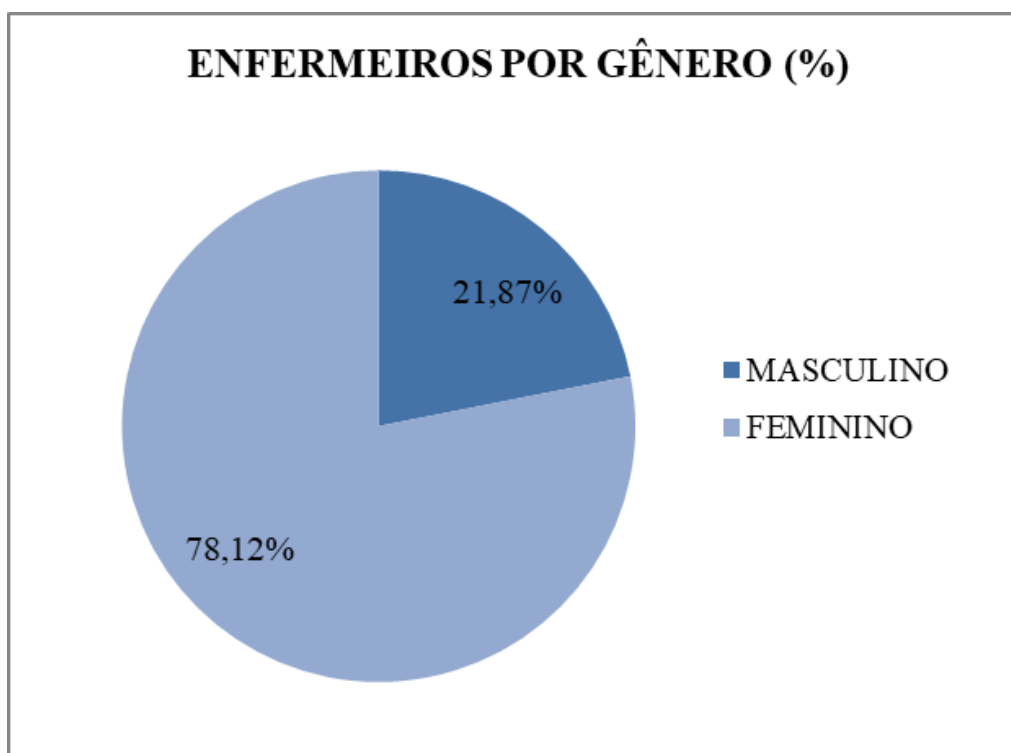


Gráfico 3 - Enfermeiros por gênero em 'Aqui Dentro'.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

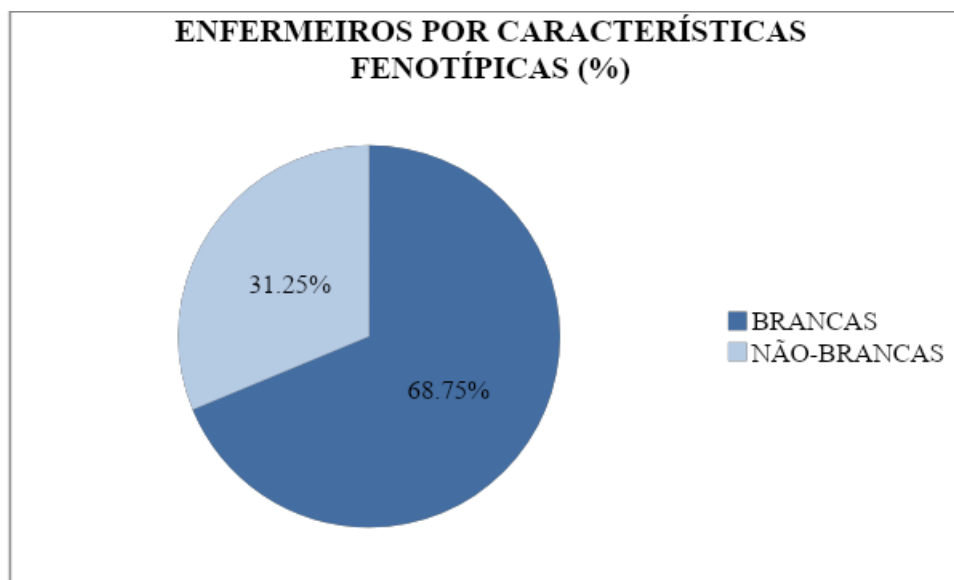


Gráfico 4 - Enfermeiros por características fenotípicas em 'Aqui Dentro'.
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Após a definição do corpus, o próximo passo da análise de conteúdo de Bardin (2016) é a formulação das hipóteses e dos objetivos, que estão de acordo com o que a leitura flutuante permite pensar e supor.

Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros (Bardin, 2016, p. 128).

A partir da leitura flutuante, é possível perceber no JN uma representação heróica e romantizada dos enfermeiros, além de menções ao prestígio social, o que considero como principais hipóteses. Discursos de valorização profissional, sofrimento pela doença e precariedade do trabalho também fazem parte da narrativa em algum nível.

Nota-se também que os enfermeiros representam a si próprios a partir da sensibilidade, da força e da autoridade em meio a uma crise de saúde. Também percebe-se muito sofrimento, de diversas origens, conectados a discursos de precariedade no trabalho. A análise parte dessas hipóteses com o objetivo de aferir a representação de ambos os emissores.

O último passo da pré-análise é a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores. Para isso, tendo em vista as hipóteses mencionadas, foram definidas unidades de registro com base em temas para os discursos do JN (Tabela 3) e dos enfermeiros (Tabela 4). Os objetos serão classificados dentro dessas categorias por meio de uma análise manual e justificada de cada um – uma escolha que diz respeito ao caráter profundo e complexo de cada

discurso, já que uma categorização a partir de elementos léxicos exclusivamente, seria limitante à análise.

Tabela 3 - Unidades de Registro do emissor JN

Unidade de registro	Tema
Heroísmo	Atributos de altruísmo, abnegação, coragem e salvação
Prestígio social	Referência aos aplausos da população e discursos de valorização sob a perspectiva da sociedade
Valorização profissional	Atributos de qualificação profissional expressos pelo emissor JN, discursos (diretos) elogiosos ao trabalho, mencionando o combate à doença e a essencialidade do serviço
Sufrimento pela doença	Trata dos impactos da doença, como adoecimento psicológico e físico e o risco de morte
Precariedade do trabalho	Discursos de más condições de trabalho referente a jornada, ambientes de trabalho, falta de EPIs

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Tabela 4 - Unidades de Registro dos emissores enfermeiros

Unidade de registro	Tema
Sensibilidade e empatia	Falas altruístas sobre sofrimento de pacientes, de preocupação com sociedade e com colegas de trabalho
Força	Expressões de resiliência, esperança, coragem
Precariedade do trabalho	Relatos exaustão, jornadas de trabalho estendidas, falta de EPIs, má remuneração, falta de estrutura no ambiente de trabalho
Sufrimento	Discursos de saudades da família, de afetamento pela doença, de amigos e familiares afetados pela doença, de sofrimento com a morte, de dor emocional, de medo, exposição pele machucada por

	máscaras
Autoridade profissional	Discursos de conscientização à população, detalhamento de questões da doença, referências à ciência

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.4.1 Exploração do material

Neste subcapítulo o corpus será agrupado em categorias, conforme a codificação do subcapítulo anterior, a fim de obter os dados necessários para o tratamento dos resultados, a ser realizado no próximo capítulo.

Em J1, o JN, na pessoa de William Bonner, representa as enfermeiras por meio da categoria ‘Heroísmo’, mencionando “profissionais da saúde que têm salvado vidas no Brasil”. Em E1, ao mencionar a escolha de qual paciente receberá o tratamento e a sobrecarga dos profissionais, é identificada a ‘Precariedade do trabalho’. As categorias ‘Sofrimento’, ‘Força’ e ‘Sensibilidade e empatia’ também aparecem nessa ordem, conforme o texto transcrito e os grifos.

(...) Então, **a gente tem um medo muito grande**, né? Eu, inclusive, **já me contaminei. Meu maior medo era de contaminar meu filho, minha família**. E neste momento de tensão, os... Nós, os enfermeiros, **a gente tenta se agarrar em alguma coisa para que a gente possa ter força para continuar**. E uma das coisas que mais **nos engrandece, que mais nos dá felicidade, prazer, é ver uma alta, é ver um paciente que chegou com muita falta de ar ser restabelecida após oxigênio**. E daqui a... alguns dias **você vê ele voltar para o leito da casa dele**. Então nós estamos aqui com esse sustento da gente tá prolongando a vida dos pacientes, porque difícil tá, mas vai passar, tem que passar e **os nossos pacientes precisam sobreviver**.

Fonte: E1, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Em J2, percebe-se a categoria ‘Valorização profissional’ pelo discurso de responsabilidade dos profissionais de saúde no combate à doença. Em E2, repete-se a categoria ‘Sofrimento’ na menção da morte de uma colega pela doença, do contágio da mãe e do sofrimento em decorrência disso.

A categoria ‘Heroísmo’ aparece em J3, em função do uso da palavra ‘Heróis’ para denominar os profissionais da saúde. A categoria ‘Prestígio Social’ também se faz presente na citação dos aplausos da população, e a ‘Valorização profissional’ fica expressa na colocação de que o espaço concedido para depoimentos pelo telejornal é uma ‘homenagem’. Em E3 as marcas da máscara no rosto estão relacionadas à categoria ‘Sofrimento’. A ‘Precariedade do trabalho’ fica clara ao longo de todo o discurso da enfermeira, assim como ‘Sensibilidade e empatia’ ao mencionar o sofrimento pela situação dos pacientes. Com a

orientação de que a população fique em casa, também se percebe a categoria ‘Autoridade profissional’.



Imagem 1 - Captura de E3.
Fonte: Rede Globo (2020).

Em J4, o discurso do JN não se enquadra em nenhuma das categorias. Em E4, as marcas no rosto e a menção a elas enquadram o episódio na classificação ‘Em sofrimento’. A ‘Precariedade do trabalho’ também está presente no discurso, assim como a ‘Autoridade profissional’.

(...) aqui no Brasil é que, diferente do que acontece em outros países, em todo o mundo, **a gente não faz testagem em massa e principalmente desses pacientes que a gente atende. Então, a gente nunca sabe se estamos atendendo um paciente que é positivo ou não.** Então, o que eu queria pedir para vocês é que, embora em muitos municípios tudo tenha sido liberado (comércio, restaurantes), que **quem puder fica em casa**, porque a gente **não tem como testar todo mundo, a gente não vai conseguir atender todo mundo.**

Fonte: E4, Rede Globo (2020). Grifos da autora.



Imagem 2 - Captura de E4.
Fonte: Rede Globo (2020).

Em um discurso político, em J5, sobre o impacto das decisões das autoridades nos profissionais de saúde, o JN, na pessoa de Renata Vasconcellos, menciona a salvação de vidas, enquadrando o episódio na categoria ‘Heroísmo’. Em E5, a classificação ‘Sofrimento’, ‘Sensibilidade e empatia’ e ‘Força’ estão presentes no discurso. A imagem com o enfermeiro completamente paramentado, usando protetor facial, também é representativa do sofrimento, já que retrata o desafio diário no local de trabalho.

Nós sentimos **o peso do cansaço no corpo, a questão da saúde mental**. Muitos colegas falam e relatam, nos finais de plantão, do **cansaço que estão tendo, das suas dificuldades de dormir, das cenas fortes de pacientes que morrem e que não podem fazer nada, pelo quadro da gravidade do paciente**. Peguei covid, passei quase 30 dias ausente do meu trabalho (...) **O que a gente deseja de fato, é que essa doença passe, amenize e que a gente possa viver, nos abraçar e nos beijar novamente**.

Fonte: E5, Rede Globo (2020). Grifos da autora.



Imagem 3 - Captura de E5.
Fonte: Rede Globo (2020).

Em J6 o discurso do JN é mais uma vez neutro. Já em E6, percebe-se o discurso de ‘Sofrimento’ ao mencionar as dificuldades no uso dos EPIS e ‘Sensibilidade e empatia’ ao falar da importância da humanização do atendimento aos pacientes afetados pela doença.

Não é fácil usar máscara as onze horas de plantão, né, o tempo todo no hospital. Não é fácil você usar luvas para todos os procedimentos. E a gente, por trás de todo esse EPIS, a gente não pode perder a nossa humanização em tratar o paciente, porque **esse paciente também está sofrendo com o isolamento**. Ele fica com a gente aqui numa área isolada, ele não pode ter acompanhante, ele não pode ter visita, e **a gente tem que, o tempo inteiro, por trás de todas essas roupas, mostrar afeto e mostrar carinho**. O problema é real, ele já existe, mas que a gente consiga passar por ele da melhor forma possível, e isso depende tanto de nós, quanto de vocês.

Fonte: E6, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Mais uma vez, em J7, há a presença do discurso de ‘Heroísmo’, ao mencionar a tentativas das enfermeiras de salvar vidas. Em E7 há a presença de duas enfermeiras. A primeira representa a ‘Autoridade profissional’ com um discurso de atualização e busca pelo melhor atendimento aos pacientes. A categoria ‘Sofrimento’ também é percebida ao lamentar o afastamento das pessoas, além de ‘Força’ ao desejar forças diretamente aos colegas. Nas falas da segunda profissional, percebem-se as categorias ‘Sensibilidade e empatia’ e ‘Força’ no discurso de celebração dos resultados negativos de pacientes e de esperança por dias melhores.

Novamente, o discurso do JN é neutro em J8. Em E8, há a representação de ‘Sofrimento’, ‘Força’ e ‘Autoridade profissional’, nessa ordem, no relato de uma enfermeira que aparece paramentada no ambiente de trabalho após se recuperar da doença.

Aqui dentro, hoje tem um misto de emoções. É o **meu primeiro plantão depois de vencer o covid**, e eu quero falar que **eu senti muito medo, medo da morte, medo do sofrimento, medo de contaminar minha família**. Mas eu sempre tive uma certeza que, vencido o covid, era aqui que eu queria estar, no meu posto, no meu front de batalha, porque **é aqui que eu vivo a enfermagem como ciência, com compromisso, com ética, cuidando dos pacientes**. Essa é a minha razão de ser. Aqui dentro eu sempre tive certeza da minha escolha.

Fonte: E8, Rede Globo (2020). Grifos da autora.



Imagem 4 - Captura de E8.

Fonte: Rede Globo (2020).

A primeira vez que se nota a presença de ‘Precariedade do trabalho’ no discurso de JN é em J9, na pessoa de William Bonner. Repete-se, também, a categoria ‘Heroísmo’, com um tom de dramaticidade maior, relacionando a situação às vítimas da doença com fotos no telão. A categoria ‘Valorização profissional’ também está presente no aspecto da dedicação dos profissionais de saúde em “um esforço enorme”.

Profissionais de saúde do Brasil inteiro têm travado **batalhas difíceis, desgastantes todos os dias na tentativa de salvar vidas**. É **um esforço enorme**, que a gente testemunha para **evitar que desapareçam mais e mais rostos, que se apaguem ainda mais olhares e sorrisos como esses aqui atrás**. As mortes de tantos brasileiros enlutaram famílias, transformaram rotinas e também as vidas desses profissionais, como o enfermeiro Gabriel Mendes, de São Paulo.

Fonte: J9, Rede Globo (2020). Grifos da autora.



Imagem 5 - Captura de J9.
Fonte: Rede Globo (2020).

Com a voz trêmula e olhos marejados, em E9, o enfermeiro expressa a categoria ‘Sofrimento’ ao desabafar sobre o próprio sofrimento psicológico.

Em J10 há a presença de ‘Valorização profissional’, na citação sobre essencialidade do trabalho e empenho. Em E10 o discurso é principalmente relacionado a ‘Sensibilidade e empatia’, mas também há presença de ‘Autoridade profissional’ ao fazer alertas à população. A máscara de tecido evidencia a ‘Precariedade do trabalho’.



Imagem 6 - Captura de E10.
Fonte: Rede Globo (2020).

No episódio de J11, foi percebido o discurso de ‘Sofrimento pela doença’ de JN com a menção às mortes de enfermeiros por covid. Em E11 são notadas as categorias ‘Autoridade profissional’, ‘Sofrimento’ e ‘Sensibilidade e empatia’, nessa ordem.

Todos os dias é um protocolo que muda, é uma medicação nova experimental, são novas diretrizes, **são fluxos novos que temos que criar, treinar a equipe para que a equipe tenha segurança, para que o paciente receba o melhor cuidado.** Toda essa mudança **não tem sido fácil para a gente**, mas também **não tem sido fácil para a gente conviver com a solidão do paciente** que não pode receber um familiar, que não pode ter o toque do seu familiar. Nós somos profissionais de saúde, nós também **temos medo de ficar doentes, temos medo de levar a doença para algum familiar nosso em casa.** Então, se você quer nos ajudar **fique em casa.** Se você ficar em casa, talvez nós tenhamos braço para te atender quando você precisar de cuidado ou para atender um familiar seu quando precisar de cuidado.

Fonte: E11, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Em J12 o discurso é neutro, somente com o anúncio dos temas tratados pela enfermeira. Em E12, percebe-se a classificação ‘Sofrimento’ pela dificuldade relatada por estar distante da família. Também, nota-se ‘Força’ em um discurso de esperança.

Em J13 o discurso também é neutro. Renata Vasconcellos fala em “repensar o papel da saúde no Brasil”, mas não atribui nenhum posicionamento maior à fala. Em E13, a enfermeira, em um discurso político, fala sobre a importância da saúde pública no país e relata a ‘Precariedade no trabalho’ e problematiza o tratamento heróico:

(...) É sempre colocado de maneira muito poética a nossa realidade profissional. **Que somos heróis, que estamos pra salvar vidas.** E a gente entende o carinho da população, a gente fica feliz com o reconhecimento, mas **a gente precisa de muito mais, que a nossa realidade, ela tem sido uma realidade muito dura.** É como se a gente estivesse remando contra a maré o tempo todo.

Fonte: E13, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Em J14, o emissor apenas anuncia o depoimento da enfermeira, de forma neutra. Em E14, o tema é essencialmente a ‘Autoridade profissional’, mas também está presente a categoria ‘Sofrimento’, ao mencionar a distância da filha criança, além de ‘Força’ a partir da expressão de esperança.

Em J15 o tema novamente é neutralizado a partir do anúncio do depoimento da enfermeira. Em E15, as categorias ‘Sofrimento’, ‘Sensibilidade e empatia’ e ‘Força’ estão presentes.

Ao mencionar o estresse em J16, percebe-se a classificação de ‘Sofrimento pela doença’. A representação de E16, em forma de poesia, permite a classificação em ‘Sensibilidade e empatia’. Também estão presentes ‘Sofrimento’ e ‘Precariedade do trabalho’, além de ‘Força’. Aqui é importante tratar da menção aos aplausos na janela, antes citados pelo emissor JN. A enfermeira agradece o ato, mas protesta ante a insuficiência de medidas de valorização concretas do poder público e da sociedade em geral.

Ser enfermeira no meio do caos é sentir um aperto no coração, acordar pensando que tudo podia ser um pesadelo, mas não. **É se dirigir para o chuveiro e ao invés de cantar, se lembrar da fala: “e daí? eu não sou cozeiro”.** É se olhar no espelho, encarar o medo e enfrentar mais uma etapa e **suplicar a Deus que eu possa abraçar o meu filho quando chegar em casa.** Ser enfermeiro é **em qualquer chamada estar pronta,** é se vestir como se estivesse indo à guerra, mas com receio de estar carregando a bomba. É chegar no local de trabalho e **não ter equipamentos para se proteger,** é se sentir impotente por não ter o poder de dar mais vida para quem está para morrer. **Acho maravilhoso e agradeço pelas palmas na janela, mas infelizmente palmas não enchem minhas panelas.** Quando lutamos para sermos vistos, **somos xingados, agredidos e cuspidos.** Nós nos redobramos pela saúde do público, mas cadê o povo que está comigo?

Fonte: E16, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

O discurso em J17 é neutro, mas em E17 encontram-se as categorias ‘Sensibilidade e empatia’ e ‘Autoridade profissional’.

(...) o ponto alto do meu trabalho com os pacientes de covid tem sido o exercício diário de **dedicação e ressignificados da minha prática profissional.** Devolver esse paciente de alta hospitalar me faz pensar que, se a gente fizer a nossa parte, muito em breve voltaremos a viver melhor. Por isso, **eu estou aqui por você. Fique em casa por mim.**

Fonte: E17, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Em J18, o discurso se aproxima novamente da neutralidade. Em E18, percebe-se o discurso de ‘Sensibilidade e empatia’ e ‘Sofrimento’, a partir de um depoimento sobre o sofrimento dos pacientes com covid.

O discurso em J19 também é inexpressivo para a análise. Em E19, o próprio título permite a classificação do tema: “‘Você tem que ser forte, apesar do medo, apesar do cansaço’, diz enfermeira carioca”. As categorias ‘Força’, ‘Sofrimento’ e ‘Sensibilidade e empatia’ estão presentes na fala da profissional.

Você tem que ser forte, apesar do medo, você tem que ser forte, apesar do cansaço, você tem que ser forte para dar força para aquela pessoa que entrou ali, quando você está arrasado por dentro. Sem contar toda a questão de trabalhar no limite do cansaço. Você trabalha com muita roupa... O macacão, muitas vezes de plástico, é muito quente. São 3 máscaras, e aí você não tem uma comunicação boa, você não fala de primeira vez, você às vezes repete duas, três vezes para a pessoa entender o que você está falando. É muito difícil, muito. Sem contar a saudade da família, né? Eu estou há 100 dias, há mais de 100 dias sem ver minha mãe, e é muito difícil.

Fonte: E19, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

O discurso em J20 também não é representativo. Com uma descrição da rotina de trabalho no hospital, E20 expressa principalmente ‘Autoridade profissional’, mas também é possível perceber ‘Força’ no discurso.

Em J21 é possível interpretar o tema ‘Valorização profissional’ na menção à presença da enfermeira na linha de frente de combate à pandemia. Na fala da enfermeira, em E21, a temática familiar posiciona o tema na categoria ‘Sofrimento’. A relação com os pacientes permite a classificação ‘Sensibilidade e empatia’.

Da mesma maneira que acontece em J21, em J22 percebe-se o atributo ‘Valorização profissional’ ao falar do papel da enfermeira no combate à pandemia. Em E22, os temas são ‘Sofrimento’ e ‘Força’.

O hospital, desde o início, está oferecendo um suporte psicológico para todos os profissionais da saúde. **E a gente lida diariamente com medos, com angústias, com incertezas em relação à doença.** Nós vemos pacientes chegarem bem e ficarem graves de uma hora para outra, **colegas de trabalho e amigos graves em UTIs, sendo entubados.** Eu fiquei afastada da minha filha 40 dias, **com medo que ela pegasse a doença. Eu positivei** e cumpri o isolamento e me curei. Voltei a trabalhar na linha de frente e **vou trabalhar até o final.** Então, a única forma que a gente tem de trabalhar o futuro é vivendo o presente. A gente não sabe até onde isso vai chegar, mas **a gente pode frear essa pandemia.**

Fonte: E22, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Em J23 o discurso é novamente neutro. Ao mencionar o cansaço e o desgaste, é possível classificar E23 em ‘Precariedade do trabalho’, além de ‘Força’ no discurso de recompensas pelo trabalho e ‘Autoridade profissional’ nas orientações à população.

Em J24 as classificações são ‘Valorização profissional’ e ‘Sofrimento pela doença’. A temática de E24 está centralizada nas categorias ‘Sofrimento’ e ‘Sensibilidade e empatia’ e ‘Autoridade profissional’, que se pode aferir por meio do discurso de lamento pela morte de um paciente de 3 anos de idade.

Em J25, é possível verificar a presença de um tom de abnegação ao mencionar os desafios enfrentados pelos enfermeiros, permitindo a classificação na categoria ‘Heroísmo’. A ‘Precariedade do trabalho’ fica clara no discurso do enfermeiro em E25, juntamente com ‘Sofrimento’ e ‘Autoridade profissional’.

Chamada de “trabalho duro” a função de combate à pandemia, se relacionada com a totalidade temática do episódio, possibilita a classificação de J26 em ‘Precariedade do trabalho’. A mesma classificação temática (‘Precariedade do trabalho’) está em E26, assim como ‘Sofrimento’, falando de isolamento social e usando o termo “guerra” para a situação de pandemia.

Nós, profissionais da saúde, estamos lá com a máscara, que machuca, com o capote, que dá calor (...) todos dispostos a ajudar a atender os pacientes, e os pacientes não têm levado a sério. E **isso dói muito**, porque **acabamos nos isolando**, né? Saímos de casa para trabalhar e aí ficamos sabendo de festinhas, né? **Quem está na guerra não tem festinha, em guerra não tem jantarzinho**, não tem encontro de amigos, né? E **quem acaba sofrendo somos nós**, porque a tensão é... **o próximo pode ser eu, pode ser você.**

Fonte: E26, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Em J27, mesmo com a presença de dramaticidade, o discurso não se encaixa em nenhuma das classificações pré-definidas. Em E27, é possível notar a presença de ‘Autoridade profissional’, ao falar sobre o quadro dos pacientes, ‘Sensibilidade e empatia’, pela preocupação com os pacientes e suas famílias, além de ‘Sofrimento’ ao mencionar a própria família e ‘Força’, ao passar uma mensagem de esperança em relação à pandemia.

Há neutralidade no discurso em J28. No que diz respeito a E28, encaixam-se as classificações ‘Sofrimento’ e ‘Sensibilidade e empatia’ ao falar sobre a preocupação com os pacientes em estado grave. Também percebe-se a temática ‘Força’

Depois de um dia pesado de plantão, a gente volta para casa, mas o pensamento continua lá no hospital, junto com os nossos pacientes, principalmente naqueles que estão mais graves e que a gente não vê uma melhora do quadro. **Nós vamos conseguir, perseverar e vencer essa luta. Cada dia uma batalha**, e eu só tenho a agradecer e agradecer a você que tem ficado em casa e que, quando precisa sair, utiliza a máscara de forma correta. Muito obrigado e uma boa noite.

Fonte: E28, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

O discurso segue neutro em J29. Em E29, o sofrimento do enfermeiro com o calor e com os equipamentos, também expresso em imagens, permite a classificação em duas

categorias: ‘Precariedade do trabalho’ e ‘Sofrimento’. Também está presente o tema ‘Autoridade profissional’, com orientações à população.



Imagem 7 - Captura de E29.
Fonte: Rede Globo (2020).

Há neutralidade, novamente, no discurso em J30. Em E30, emocionada, com a voz trêmula, a enfermeira expressa temáticas para a classificação nas categorias ‘Autoridade profissional’, ‘Sensibilidade e empatia’, ‘Sofrimento’ e ‘Força’.

Essa situação, de receber pacientes tão graves e ter que se adaptar tão rápido, fez com que nós nos tornássemos profissionais camaleões, que tivemos que se adaptar muito rápido a um cenário diferente a cada dia. Era sair, deixar de um jeito; voltar, e estar de outro. Cada dia com um desafio, e a gente conseguiu vencer. Ver o paciente que ficou 40 dias ou mais numa UTI se recuperar e encontrar sua família é o que mais satisfaz toda a equipe. E apesar de todos os desafios que a gente viveu, de todas as perdas que infelizmente a gente teve, saber que a gente pôde voltar pros nossos amores e devolver o amor de alguém é o que mais nos alegra.

Fonte: E30, Rede Globo (2020). Grifos da autora.

Levando em consideração a menção ao combate à pandemia, E31 pode ser classificado como ‘Valorização profissional’. Em um relato sobre o trabalho em UTI, E30 representa ‘Sofrimento’ e ‘Sensibilidade e empatia’.

As tabelas abaixo representam as frequências das unidades de registro definidas ao longo de toda a série, conforme a categorização realizada.

Tabela 5 - Frequências de temas do emissor JN

Unidade de Registro	Frequência
Heroísmo	6
Prestígio social	1
Valorização profissional	8
Sufrimento pela doença	3
Precariedade do trabalho	2

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Tabela 6 - Frequências de temas dos emissores enfermeiros

Unidade de registro	Frequência
Sensibilidade e empatia	17
Força	13
Precariedade do trabalho	8
Sufrimento	26
Autoridade profissional	12

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.4.2 Tratamento dos dados obtidos

No que diz respeito ao emissor JN, percebeu-se um posicionamento próximo ao neutro em diversos episódios da série de reportagens, embora o tom de dramaticidade estivesse presente em praticamente todo o conteúdo dos enfermeiros, com figuras do vírus ou rostos de vítimas de covid no telão, por exemplo. Segundo Porcello (2019), a televisão prioriza o componente visual, buscando cativar o público. Ela atribui mais importância à imagem do que à palavra. O telespectador tende a interpretar os códigos visuais de forma mais fácil do que os verbais.

Os apresentadores assumiram por diversas vezes o caráter dramático também nos discursos, notando-se uma aproximação maior da sensibilidade em William Bonner. Conforme Siqueira, Freire e Souza (2021), para utilizar o recurso da narrativa dramática, o JN recorreu ao uso de personagens. Nesse contexto, considerando editoriais, quadros temáticos e reportagens, os próprios apresentadores e repórteres do telejornal também podem

ser vistos como personagens. A pandemia afetou de forma inédita tanto a vida pessoal quanto profissional de todos, e os apresentadores mostraram suas emoções de maneira evidente.

O discurso de ‘Heroísmo’ foi um dos mais frequentes em JN, somando seis repetições. Segundo Miasato (2022), a narrativa heroica promovida pela mídia afetou a valorização real do trabalho realizado durante a pandemia. O mito contemporâneo do herói afasta os profissionais de uma formação política efetiva, que deve priorizar o questionamento e a dúvida. A romantização do cuidado de enfermagem através do discurso do herói negligencia e obscurece o violento contexto brasileiro.

Em consonância com isso, a unidade de registro ‘Precariedade do trabalho’ só teve duas menções pelo emissor JN durante os episódios da enfermagem, ainda que fosse um ponto central da pandemia de covid, por estar relacionado à morte desses profissionais no país que liderou o ranking de morte de enfermeiros durante o período¹².

A situação pandêmica da COVID-19 levou as Nações a buscarem organizar seus sistemas nacionais de saúde para a mitigação da doença. Tal situação rapidamente mostrou as necessidades e fragilidades dos sistemas de saúde, inclusive sobre a proteção e saúde dos profissionais da saúde. No Brasil não foi diferente, logo foi percebida a vulnerabilidade dos profissionais de Enfermagem, médicos, fisioterapeutas, bem como outros trabalhadores da saúde, derivada, sobretudo, pela sobrecarga e precarização das condições de trabalho, da dificuldade de acesso aos EPI, entre outros motivos (Freire et al., 2021).

Conforme analisado por Moreira et al. (2020), a mídia apresentou uma ambiguidade ao centralizar a pauta sobre os enfermeiros no início da pandemia à falta de EPIs. Embora a importância desses profissionais, especialmente em nível hospitalar, tenha sido destacada, a falta de valorização e os riscos enfrentados por eles foram reduzidos à ausência de máscaras de proteção. A carência de EPIs foi um fator significativo nos impactos da pandemia sobre os profissionais da saúde, mas, no caso das equipes de enfermagem, não se pode ignorar o histórico anterior à pandemia, que foi agravado a partir de 2020: a exaustão emocional e física.

A ‘Valorização profissional’, presente em oito episódios, foi a unidade de registro com maior frequência no discurso de JN, o que tem um significado importante para o setor durante a pandemia e após. A valorização dos profissionais de enfermagem pela mídia e pela sociedade promoveu debates relevantes para a categoria, que obteve a implementação do piso salarial, pauta de lutas sindicais ao longo dos anos que antecederam a pandemia.

Na mesma linha, o prestígio social só foi mencionado pelo JN em um episódio sobre a enfermagem, fazendo referência aos aplausos da sociedade. Santos (2018) destaca que as

¹² Disponível em <<https://www.cofen.gov.br/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-enfermeiros-por-covid-19-no-mundo-dizem-entidades/>> Acesso em 2 de agosto, 2024.

redes sociais influenciam significativamente a seleção de notícias nos telejornais brasileiros. Ciberacontecimentos, ou seja, eventos que viralizam na internet, se tornam uma fonte de pautas, impulsionados pela busca por maior engajamento do público. Ao transformar esses eventos em reportagens, os jornalistas visam a ampliar o alcance de seus programas e fortalecer o vínculo com a audiência, gerando um ciclo de compartilhamento nas redes sociais. No início de 2020, durante um período em que os aplausos se tornaram mais comuns, o COFEN publicou diversos artigos de opinião, questionando a romantização das dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros. O prestígio da população, naquele momento, não refletia a realidade da categoria. No episódio “‘Pandemia piorou caos que já existia’, diz enfermeira de Natal”, os aplausos são questionados de forma direta: “a gente entende o carinho da população, a gente fica feliz com o reconhecimento, mas a gente precisa de muito mais, que a nossa realidade, ela tem sido uma realidade muito dura”, diz a enfermeira.

O sofrimento pela doença figurou nas falas do JN em três episódios da série, também representando uma baixa frequência.

Tratando do discurso dos próprios enfermeiros, Benetti (2021) destaca que as fontes testemunhais são cruciais para uma cobertura mais humanizada, observando que os jornais têm se empenhado, durante a pandemia, para relatar o drama vivido pelas pessoas.

Em discursos bem pessoais, o sofrimento esteve presente em 26 dos 30 episódios sobre a enfermagem. Discursos sobre saudades da família, impacto da doença, amigos e familiares afetados, sofrimento pela morte, dor emocional e medo estiveram fortemente presentes ao longo de toda a série. Alguns profissionais também exibiram as marcas das máscaras no rosto. Nos enfermeiros com características físicas não brancas o sofrimento esteve presente em 91% das falas.

Esse dado se relaciona com o estudo de Santos et al. (2021), que mostra que sintomas sugestivos de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, durante o período pandêmico, foram particularmente associados a profissionais de enfermagem do sexo feminino, com cor ou raça parda, e com uma renda mensal inferior a cinco salários mínimos.

A segunda maior frequência na auto representação da enfermagem na série foi de sensibilidade e empatia. 82% das falas nesse sentido foram feitas por enfermeiras mulheres. As falas mais comuns foram sobre o sofrimento de pacientes. A compaixão e o cuidado, valores historicamente ligados às mulheres, ainda que façam parte de uma construção social, estão refletidos não só na representação feminina na enfermagem e na série (77%), como no discurso das enfermeiras.

De forma positiva, as temáticas valorização profissional (12) e força (13) também estiveram muito frequentes no discurso dos enfermeiros de ‘Aqui Dentro’. Falas de conscientização à população, detalhamento de questões da doença e referências à ciência, representados pela série, são muito significativos para a categoria, que sofre com a falta de reconhecimento profissional, sendo considerada um apoio aos médicos – estes, sim, considerados autoridades em saúde. Silva-Santos et al. (2023) afirmam que a pandemia da covid-19 no Brasil colocou o trabalho e as trabalhadoras da enfermagem no centro do debate jornalístico. Segundo eles, não há, na história recente do Brasil, outro período que registre uma cobertura e produção jornalísticas envolvendo o campo da enfermagem nas dimensões analisadas.

A precariedade do trabalho só esteve presente na fala de pessoas não brancas duas vezes, mas foi mencionada pelos enfermeiros 8 vezes na série – uma proporção muito maior que no emissor JN. A pesquisa publicada pelo COFEN em 2017, que traçou o Perfil da Enfermagem no Brasil, revela a desvalorização dos profissionais da área já antes da pandemia, quando 43% dos profissionais da enfermagem na rede pública de saúde declararam definir as condições de trabalho como regulares ou péssimas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar como a enfermagem foi representada pela mídia durante a pandemia de covid-19, tendo como objeto a série ‘Aqui Dentro’, apresentada no JN. Utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2016) para alcançar esse objetivo.

A pesquisa constatou que ‘Aqui Dentro’ foi uma importante representação do trabalho da enfermagem durante a pandemia de covid-19. Embora os médicos tenham sido protagonistas em 49 episódios da série, os enfermeiros tiveram destaque significativo, aparecendo em quase 30% das reportagens.

A enfermagem foi retratada predominantemente como uma área feminina, mas com uma baixa representatividade racial. Apesar de a enfermagem ser composta em 54% por pessoas não brancas, pessoas com essas características fenotípicas foram representadas em apenas 32% dos episódios com enfermeiros. Relacionando-se a isso, a equipe de enfermagem foi apresentada quase que unicamente por meio de profissionais enfermeiros. Houve apenas uma técnica de enfermagem em meio a 30 enfermeiros. Auxiliares de enfermagem, obstetrites e parteiras não foram representadas de nenhuma maneira – seja por meio de entrevista, seja por menção –, refletindo uma visão limitada da categoria.

Positivamente, sob a premissa de retratar o que estavam vendo, fazendo e sentindo os profissionais de saúde, o JN fez uma boa escolha ao dar voz aos enfermeiros de forma direta. Por meio de depoimentos, eles puderam compartilhar suas experiências e desafios durante a pandemia. Assim, a população pôde acompanhar, de dentro, em referência ao nome da série, o serviço no sistema de saúde brasileiro. Para muito além da coragem e da dedicação dos enfermeiros, ficaram evidentes as dificuldades de acesso a materiais básicos de trabalho, as jornadas exaustivas, o adoecimento psicológico, a morte e o descaso do poder público.

Os enfermeiros revelaram de si próprios, sobretudo, o sofrimento emocional e físico que enfrentaram durante a pandemia. Foram frequentes discursos de medo, isolamento social e luto por colegas e pacientes. Sensibilidade e empatia também foram eixos importantes da autorrepresentação dos enfermeiros em ‘Aqui Dentro’, assim como falas de força e resiliência.

Tendo em vista o histórico da representação midiática da enfermagem, formada por estereótipos de gênero, os apresentadores do JN geraram impacto positivo na imagem dos enfermeiros, apresentando-os principalmente por meio da valorização profissional, reforçando a importância que tinham durante a maior crise sanitária do século. Na voz dos

enfermeiros, pôde-se notar a autoridade profissional, igualmente necessária para a construção da credibilidade e da identidade profissional da enfermagem.

O heroísmo também foi uma forma de os apresentadores representarem a enfermagem. A partir de componentes dramáticos, o telejornal ressaltou em diferentes momentos as tentativas dos profissionais de saúde de “salvar vidas” e, em certos momentos, usaram a alcunha de “heróis” na definição dos profissionais da saúde.

No corpus definido, a precariedade do trabalho foi mencionada diretamente pelo telejornal apenas duas vezes, mas foi tema recorrente nos depoimentos dos enfermeiros. Coube a eles falar sobre a desvalorização enfrentada pela enfermagem no Brasil. A temática esteve presente de forma direta em nove dos 31 episódios com a presença de enfermeiros.

Os aplausos das janelas foram citados por William Bonner e pelos enfermeiros. Na voz de William Bonner, como demonstração de prestígio social. Pela perspectiva dos enfermeiros, os aplausos foram uma forma de questionar o apoio social que deveriam estar recebendo. “Acho maravilhoso e agradeço pelas palmas na janela, mas infelizmente palmas não enchem minhas panelas”, coloca a enfermeira Estéfane Jennifer em um dos episódios da série, no qual protesta contra as más condições de trabalho.

A representação no telejornal de maior audiência do país foi relevante para a construção e para a transformação do senso comum a respeito dos profissionais de enfermagem a partir da visibilidade. Sendo deveres do jornalismo informar de forma qualificada, apresentar a pluralidade da sociedade e selecionar o que é relevante, o JN foi eficiente ao colocar os profissionais da saúde e enfermagem no centro do debate público. A série também foi importante para estratificação da ideia de valor do enfermeiro enquanto profissional da saúde. Se o passado é mais real que o presente, é de muito valor que a série ‘Aqui Dentro’ esteja disponível para o acesso gratuito nos canais da Rede Globo, construindo memória.

Entretanto, o corpus da pesquisa apresenta limitações, uma vez que a amostra está restrita aos episódios da série ‘Aqui Dentro’, do JN, não abrangendo a ampla cobertura da mídia sobre a enfermagem durante a pandemia. Embora seja difícil mensurar o alcance da representação midiática da enfermagem durante a pandemia com base em um único produto, é evidente que a constante presença da enfermagem na mídia durante esse período foi fundamental para o fortalecimento da visibilidade e da identidade profissionais. Essa representação social na mídia como um todo impulsionou o avanço de pautas essenciais para a categoria, como a implementação do piso salarial nacional da enfermagem, aprovado em agosto de 2022 pelo Congresso Nacional.

Em conclusão, a análise da série ‘Aqui Dentro’ ajudou a construir, por meio da representação da enfermagem, uma imagem mais positiva da categoria. Espera-se que esta pesquisa contribua para o debate sobre o papel da mídia na difusão das representações sociais, especialmente no que diz respeito à valorização dos profissionais de saúde.

7 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Gabriela. Cobertura sobre coronavírus faz crescer a audiência da Globo.

Patrícia Kogut. 16 de março de 2020. g1. Disponível em

<<https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/audiencia/noticia/2020/03/cobertura-sobre-coronavirus-faz-crescer-audiencia-da-globo.html>> Acesso em 13 de julho, 2024.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**.

Rio de Janeiro. v. 6, n. 17, p. 111-125, jul./dez., 2001. Disponível em

<<https://dialetricas.com/wp-content/uploads/2020/09/opapel-1.pdf>> Acesso em 14 de julho, 2024.

APLAUSO pela vida: RS se une em onda de aplausos para homenagear profissionais da saúde. **GZH**. 12 de março, 2021, atualizado em 15 de março, 2021. Disponível em

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2021/03/aplausos-pela-vida-rs-se-une-em-onda-de-aplausos-para-homenagear-profissionais-da-saude-ckm6znj6u004h016uzdzhz9na.html>> Acesso em 17 de julho, 2024.

AQUI Dentro. Série que abriu espaço para profissionais de saúde contarem como estava sendo desafiador o período da pandemia de Covid-19, em 2020. **Memória Globo**.

Atualizado em 01 de julho, 2024. Jornal Nacional. Disponível em

<<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/aqui-dentro.ghtml>> Acesso em 28 de julho, 2024.

BARBOSA, Marialva. Televisão, narrativa e restos do passado. **Revista da Associação**

Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Compós. Belo

Horizonte, 2/21, abril, 2007. Disponível em <[https://e-compos.org.br/e-](https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/138/139)

[compos/article/view/138/139](https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/138/139)> Acesso em 28 de julho, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro.

São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS PIRES, Ana Maria. A liga republicana das mulheres portuguesas e a enfer-

magem no século xx - leituras na imprensa feminista. **Referência - Revista de**

Enfermagem, vol. III, núm. 8, pp. 171-178, diciembre, 2012. Disponível em

<<https://www.redalyc.org/pdf/3882/388239967001.pdf>> Acesso em 2 de julho, 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BENETTI, Márcia. A cobertura da pandemia pelos grandes jornais. In: _____.

Horizontes da comunicação [recurso eletrônico]: experiências, entrevistas e transcrições na pandemia. Porto Alegre: Imaginalis, UFRGS, 2021. p. 28-39.

Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234349>> Acesso em 02 de julho, 2024.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRISO, Caio Barreto; PHILLIPS, Tom. 'My mother was murdered': how Covid-19 stalks Brazil's nurses. **The Guardian**. Quarta-feira, 27 de maio, 2020. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2020/may/27/brazil-coronavirus-nurses-deaths-cases>> Acesso em 17 de julho, 2024.

BROERING, Loiza; PADILHA, Maria Itayra; COSTA, Roberta da; MAZERA, Maiara Suelen. Implicações da pandemia para a construção da identidade das enfermeiras a partir da mídia jornalística. **Rev. Bras. Enferm.** 76 (2), 2023. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/reben/a/ZzF6Ng8MwSbqpd4hdznk9cn/?lang=pt>> Acesso em 1 de julho, 2024.

COELHO, Edméia. Gênero, saúde e enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.** 58 (3), Jun 2005. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/reben/a/xWX6N8BkKsm4bcMhXBLCdQp#>> Acesso em 23 de abril, 2024.

COFEN. Os profissionais da saúde precisam de mais do que palmas nas janelas. 29 de abril, 2020a. Disponível em <<https://www.cofen.gov.br/os-profissionais-da-saude-precisam-de-mais-do-que-palmas-nas-janelas/>> Acesso em 21 de julho, 2024.

_____. Brasil é o país com mais mortes de enfermeiros por Covid-19 no mundo. 28 de maio, 2020b. Disponível em <<https://www.cofen.gov.br/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-enfermeiros-por-covid-19-no-mundo-dizem-entidades/>> Acesso em 2 de agosto, 2024.

COUTINHO, Iluska, MUSSE, Christina. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. **Revista Alterjor**. São Paulo, ano 1, volume 1, edição 1. Janeiro-dezembro, 2010. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88191/91069>> Acesso em 4 de junho, 2024.

CRIADO para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim. **g1, O Globo, Extra, Estadão, Folha, UOL**. 28 de janeiro, 2023. Coronavírus. Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>> Acesso em 14 de julho, 2024.

FIOCRUZ/COFEN. **Relatório Final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil**. Volume I. Rio de Janeiro. Produzido em 2016, publicado em 2017. Disponível em

<<https://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>> Acesso em 15 de julho, 2024.

FREIRE, Nelson Pinheiro; CASTRO, Daniel Amaral de; FAGUNDES, Maria Clara Marques; NETO, Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes; CUNHA, Isabel Cristina Kowal Olm; SILVA, Manoel Carlos Nery da. Notícias sobre a Enfermagem Brasileira na pandemia da COVID-19. **Acta Paul Enferm.** 34, 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ape/a/Gcv5ym7CmTXSn3bb99NzjMF/#>> Acesso em 15 de julho, 2024.

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. Jornalismo, Memória e Testemunho: uma análise do tempo presente. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018. Disponível em <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37297672/jornalismo-e-o-dever-de-memoria-libre.pdf?1428980041=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DJornalismo_e_o_dever_de_memoria.pdf&Expires=1723065092&Signature=aSGb7WVIt-2EShNAMSbMYY1VEdfb2Z19TFzw92vF0YIaEE-qNn7SXyVkf~0r7Ci6QENTSDcl3gQ6~lw8L0Zu8tEgY9wsb4PIRPFdvi75uL5JcDttGiIhWBfOtau5t7RKfAeGAkLWlmuqWGnC458AEnUAI0FXMf8UR7wHXJ3iL~Aml~LK15hVWSdLFXoLvzXw3tKfkmolddcOUE5T5gvH-2Ttd2jcJ~7oz3N7bLljKMSO7XtWTSxBbTI187DkH7i6UUMxpcqrDbkgaUvTrAuVu pREu~CIYyU2D9rpBDMxWrmI5QpBzwb6HrfCUwDJFCkr7fWLjslO8yjA12ch67uXNQ &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA> Acesso em 14 de julho, 2024.

GROSGOGEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea**. v. 2, n. 2, p. 337-362, jul./dez. 2012. Disponível em <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/86/51>> Acesso em 19 de abril, 2024.

HALL, Stuart. A Identidade em Questão. In.: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomáz Taden da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 07-22.

_____. **Cultura e Representação**. Organização: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda, William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HENRIQUES, Rafael Paes. O jornalismo declaratório e a objetividade jornalística. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Encontro Remoto. 3 a 6 de novembro, 2020. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Rafael-Henriques-6/publication/345775223_O_jornalismo_declaratorio_e_a_objetividade_jornalistica/links/5fad824d92851cf7dd18f466/O-jornalismo-declaratorio-e-a-objetividade-jornalistica.pdf> Acesso em 12 de julho, 2024.

- LAGE, Leandro. Jornalismo e o dever de memória. Encontro Nacional de História da Mídia. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**. UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais. 2013. Disponível em <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37297672/jornalismo-e-o-dever-de-memoria-libre.pdf?1428980041=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DJornalismo_e_o_dever_de_memoria.pdf&Expires=1723065092&Signature=aSGb7WVIt-2EShNAMSBmYY1VEdfb2Z19TFzw92vF0YIaEE-qNn7SXyVkF~0r7Ci6QENtSDcl3gQ6~lw8L0Zu8tEgY9wsb4PIRPFdvi75uL5JcDttGihWBfOtau5t7RKfAeGakLWLmuqWGnC458AEnUAi0FXMf8UR7wHXJ3iL~Aml~LK15hVWSdLFXoLvzXw3tKfkmoLddcOUE5T5gvH-2Ttd2jcJ~7oz3N7bLljKMSO7XtWTSxBbTI187DkH7i6UUMxpcqrDbkgaUvTrAuVu pREu~CIYyU2D9rpBDMxWrmI5QpBzwb6HrfCUwDJFCkr7fWLjslO8yjA12ch67uXNQ_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA> Acesso em 14 de julho, 2024.
- MAGALHAES, Luciana; DUBE, Ryan; LEWIS, Jeffrey T. Brazil's Nurses Are Dying as Covid-19 Overwhelms Hospitals. **The Wall Street Journal**. Atualizado em 19 de maio, 2020. Latin America. Disponível em <<https://www.wsj.com/articles/brazil-nurses-are-dying-as-covid-19-overwhelms-hospitals-11589843694>> Acesso em 17 de julho, 2024.
- MARTINEZ, Mônica; LAGO, Cláudia; LAGO, Mara Coelho de Souza. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista FAMECOS**, 23(2), 2016. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/22464>> Acesso em 12 de março de 2024.
- MARTINS, Simone. A Construção da Notícia: Sobre a Influência da TV – e do Telejornalismo – no Brasil. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Rio de Janeiro, 7 a 9 de maio de 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/r14-0528-1.pdf>> Acesso em 06 de julho, 2024.
- MECONE, Márcia Cristina; FREITAS, Genival. Representações da enfermagem na imprensa da Cruz Vermelha Brasileira (1942-1945). **Texto contexto - enferm.** 18 (4), dez 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/tce/a/T4gdrbNVgSHd8pVRmXwdwbm/?lang=pt&format=html>> Acesso em 4 de junho, 2024.
- MEMÓRIA GLOBO. Séries. Primeiro telejornal do Brasil a ser transmitido em rede, o 'JN' conquistou a preferência do público e se firmou como um dos mais respeitáveis do país. **Jornal Nacional**. 12 de janeiro, 2022. Disponível em

<<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/series.ghml>> Acesso em: 31 de julho, 2024.

MIASATO, Felipe Akira. Sem heróis, sem heroínas: reflexões sobre o discurso heroico utilizado pela mídia sobre os profissionais de enfermagem na pandemia de COVID-19. **Cad. Ibero-amer. Dir. Sanit.**, Brasília, 11(2), 2022. Disponível em <<https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/881/898>> Acesso em 10 de julho, 2024.

MOREIRA, Maria Rosilene Cândido.; XAVIER, Samyra Paula Lustoza.; MACHADO, Lucas Dias Soares; SILVA; Maria Rocineide Ferreira da; MACHADO, Maria de Fátima Antero Souza. Enfermagem na pandemia da covid-19: análise de reportagens à luz da teoria do reconhecimento. **Enferm. Foco**. 11 (1) Especial: 116-123, 2020. Disponível em <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3581/813>> Acesso em 2 de junho, 2024.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MUNDIM, Pedro; GRAMACHO, Wladimir; TURGEON, Mathieu; STABILE, Max. Viés noticioso e exposição seletiva nos telejornais brasileiros durante a pandemia de COVID-19. **Opin. Pública** 28 (3), Sep-Dec 2022. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/op/a/Wx3LYXLsZbNrLkxcQ9ggBJC/#>> Acesso em 24 de junho, 2024.

PEREIRA, Gustavo; COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e desinfodemia: Reflexões sobre novas práticas e processos produtivos pós pandemia Covid-19. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-Minas – 4 a 8/9/2023**. Disponível em <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0809202300234364d306bf0e6f8.pdf> Acesso em 6 de junho, 2024.

PORCELLO, Flávio. O Papel Social do Telejornalismo em Defesa da Liberdade de Expressão e da Democracia Plena no Brasil. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belém/PA, 2 a 7/09/2019. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/254636/001104835.pdf?sequence=1>> Acesso em 06 de junho, 2024.

- PORTO, Fernando; NETO, Mercedes. Enfermeira na Imprensa Ilustrada Brasileira (1890-1925). **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 10, n. 1, p. 199-221, janeiro-junho, 2014. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5703282>> Acesso em 2 de agosto, 2024.
- REDE GLOBO. Aqui Dentro: profissionais da saúde contam o que estão vendo, fazendo e sentindo. **Jornal Nacional**, 11 de maio, 2020. g1. Disponível em <https://g1.globo.com/jornal-nacional/playlist/aqui-dentro-profissionais-da-saude-contam-o-que-estao-vendo-fazendo-e-sentindo.ghtml#video-8546876-id>> Acesso em 20 de julho, 2024.
- REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Tese (doutorado) – UFRGS. Porto Alegre, 260p. 2019. Disponível em [TESE_VERSAO_FINAL_Gisele_Reginato20190716-3803-frj6kq-libre.pdf](https://repositorio.ufrgs.br/bitstream/handle/10163/10163/1/TESE_VERSAO_FINAL_Gisele_Reginato20190716-3803-frj6kq-libre.pdf) ([d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net](https://repositorio.ufrgs.br/bitstream/handle/10163/10163/1/TESE_VERSAO_FINAL_Gisele_Reginato20190716-3803-frj6kq-libre.pdf))> Acesso em 24 de julho, 2024.
- SANTO, Tiago; OGUISSO, Taka; FONSECA, Rosa. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 19 (5), out 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/x7BNRHrkjZPSjHCvmjXH8xm/?lang=pt&format=html>> Acesso em 5 de junho, 2024.
- SANTOS, Leandro. **A reconfiguração da notícia: um estudo sobre o impacto do cibercontecimento na rotina produtiva no telejornalismo**. Tese (doutorado) – PUCRS. Porto Alegre, 221p. 2018. Disponível em <https://meriva.pucrs.br/dspace/handle/10923/12463>> Acesso em 3 de julho, 2024.
- SANTOS, Mônica Farias dos. Saúde além da medicina: a invisibilidade do enfermeiro como fonte de informações para a imprensa. **ORGANICOM**. Ano 9, Edição Especial, Números 16/17, 2012. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139147/134499>> Acesso em 2 de junho, 2024.
- SANTOS, Katarina Márcia Rodrigues dos; GALVÃO, Maria Helena Rodrigues; GOMES, Sávio Marcelino; SOUZA, Talita Araújo de; MEDEIROS, Arthur de Almeida; BARBOSA, Isabelle Ribeiro. Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. **Esc. Anna. Nery**. 25 (spe), 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/DfmDPNnHcwnVymcDsHDc6hp/?lang=pt#>> Acesso em 2 de agosto, 2024.
- SILVA, Alcione; PADILHA, Maria, BORENSTEIN, Miriam. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 10 (4), Jul 2002. Disponível em

<<https://www.scielo.br/j/rlae/a/DcjVfzHKzfW6szQp8wsfFLz/?format=html&lang=pt#>> Acesso em 2 de agosto, 2024.

SILVA, Amina Regina; PADILHA, Maria Itayra; BACKES, Vânia Marli Schubert; CARVALHO, Juliana Bonetti. Identidade profissional de enfermagem: uma perspectiva através das lentes da mídia impressa brasileira. **Esc. Anna Nery**, 22 (4), 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ean/a/x45qJDnRzdwF5RYgfjFwfjhj/?lang=pt&format=html>> Acesso em 4 de junho, 2024.

SILVA-SANTOS, Handerson; GONÇALVES, Alexia Bruna Santos; CAVALCANTE, Iara Neves Vieira; FISCINA, Aline Nazaré Valente Santos; DAMASCENA, Dhuliane; ARAÚJO-DOS-SANTOS, Tatiane; SOUZA, Ednir Assis. Análise noticiosa do trabalho em enfermagem no contexto da pandemia da COVID-19. **Acta Paul Enferm** 36, 2023. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ape/a/kVvMxFskjfkpqm7Z3frzSrh/#>> Acesso em 15 de junho, 2024.

SILVEIRA, Maria de Fátima de Araújo; GUALDA, Dulce Maria Rosa; SOBRAL, Vera R. S. Corpo e enfermagem: (ainda) uma relação tão delicada! **OBJN**, v. 2, n. 3, 2003. Disponível em <https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4879/html_482> Acesso em 4 de junho, 2024.

SIQUEIRA, Fabiana; FREIRE, Débora; SOUZA, Vagner. O lugar da dramaticidade no *Jornal Nacional*: um estudo sobre técnicas e ferramentas utilizadas na cobertura da pandemia de Covid-19. **Lumina**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 94–111, 2021. DOI: 10.34019/1981-4070.2021.v15.35529. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35529>> Acesso em 27 de junho, 2024.

SOUZA, Hugo, ALBUQUERQUE, Paulina, CUNHA, Maria Amália; LEMOS, Adriana, PORTO, Fernanda. Enfermeiros nas páginas da imprensa escrita no Distrito Federal (1920-1940). **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 27; 2019. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/38847/29508>> Acesso em 6 de junho, 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume 1: Porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Editora Insular Ltda., 2005. Disponível em <<https://alexandraaguirreucb.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/04/traquina.pdf>> Acesso em 07 de julho, 2024.

VIEIRA, Mônica; AMARAL, Patrícia; MORAIS, Osvando. Interação no telejornalismo brasileiro: sentidos e reflexos do enfrentamento tecnológico. **Novos Olhares**. São

Paulo, volume 12, n 2, p. 102-115, ago-dez, 2023. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/217696/203020>> Acesso em
18 de julho, 2024.

WHITE, David Manning. The 'Gatekeeper': A Case Study in the Selection of News,
Journalism Quartely, Vol. 27, No. 4, 1950.